

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Carla da Cruz Nunes

**O PAPEL SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA
INFORMAÇÃO AMBIENTAL: *um Estudo de Caso na
Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah de Porto Alegre/RS***

Porto Alegre

2017

CARLA DA CRUZ NUNES

**O PAPEL SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA
INFORMAÇÃO AMBIENTAL: *um Estudo de Caso na
Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah de Porto Alegre/RS***

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharelado em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a Dr^a Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr^a Karla Maria Müller

Vice - Diretora: Prof^a Dr^a Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a Dr^a Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Prof^a Dr^a Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a Dr^a Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

CIP - Catalogação na Publicação

N972p Cruz Nunes, Carla

O PAPEL SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA
INFORMAÇÃO AMBIENTAL: um estudo de caso na
Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah de Porto
Alegre/RS / Carla Cruz Nunes. -- 2017.

81 f.

Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. 2.
Educação Ambiental. 3. Bibliotecário como Mediador da
Informação Ambiental. 4. Consumismo. 5.
Sustentabilidade. I. Lourdes da Silva Moro, Eliane,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciência da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705.

CPE: 90035-007

Tel./Fax: (51)3316-5146 (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

CARLA DA CRUZ NUNES

**O PAPEL SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA
INFORMAÇÃO AMBIENTAL: *um Estudo de Caso na
Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah de Porto Alegre/RS***

Trabalho de Conclusão de Curso
realizado como pré-requisito para a
obtenção do título de Bacharelado em
Biblioteconomia, pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eliane Lourdes
da Silva Moro.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. Eliane Lourdes da Silva Moro
Departamento de Ciências da Informação (DCI)
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Jeniffer Alves Cutty
Departamento de Ciências da Informação (DCI)
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Lizandra Brasil Estabel
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus POA

Dedico este trabalho a todos aqueles que sonham, idealizam e lutam por um mundo melhor, aonde o respeito à natureza e aos animais, à dignidade humana e à liberdade de ir e vir possam sair do papel e se tornar realidade. Dedico também às crianças, esses pequenos seres cheios de luz e sensibilidade, que carregam em suas mãos a esperança de dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às forças Universais, à força geradora, àquele a quem chamam de Deus ou também YHWH em hebraico. Àquele que é a fonte de tudo, o imutável e o eterno, o princípio e o fim, àquele que é o Criador, mas também é a Criação, àquele que nunca poderá ser compreendido através de nossa mente física limitada.

Agradeço com imenso carinho e gratidão ao meu amor, amigo, companheiro, Nelson, cuja paciência e dedicação comigo, motivou-me a continuar no caminho. Nos dias difíceis e sombrios, em que tive vontade de desistir de lutar, ele esteve lá comigo sempre me orientando, às vezes usando palavras duras, mas naquele momento era isso que eu precisava ouvir. Ele que me incentivou a ingressar na faculdade, num tempo em que eu não acreditava muito em minhas capacidades, ele sempre acreditou. Faltariam palavras se eu fosse escrever todo o sentimento e admiração que sinto por ti, Nelson. Tu sabes que és uma pessoa com uma incrível percepção e empatia por todos, um ser iluminado que onde toca irradia energia. Desejo, que possamos trilhar nossos caminhos sempre juntos, sempre buscando nossa evolução, muito além do tempo...

Agradeço ao meu irmão Fábio, que mesmo com todas as brigas que tivemos ao longo dos anos, sempre esteve próximo a mim, lutando e superando a cada dia suas dores do passado, transformando suas feridas abertas em cicatrizes do tempo.

Não poderia deixar de agradecer com todo o amor do mundo, a minha mãezinha amada Rosele, ela que mesmo sem ter concluído o ensino fundamental sempre desejou e lutou para que eu e meu irmão pudéssemos ter um estudo digno e valores morais. Ela que ao seu modo, me passou tudo o que sabia da vida, ensinou-me a respeitar as pessoas, aos animais, à natureza, que manteve a firmeza quando devia e também o carinho sempre. Agradeço-a por ter mantido o equilíbrio físico e mental, quando meu pai partiu e retornou para o Criador. Tempos difíceis foram aqueles, mas tu mãe nunca nos abandonou, a cada dia mostrava sua força, trabalhando para poder nos alimentar e ao mesmo tempo nos consolar.

Mãezinha, tu sabe o quanto te amo, e o quanto nosso laço sempre foi e será forte. Peço ao Criador, que permita que tu possas viver muitos anos ainda, perto de mim.

Ao meu pai Flávio, *in memoria*, a vida nos rompeu a possibilidade de convivemos mais próximos, tirando a oportunidade de eu crescer e amadurecer perto de ti, e tu pudesse ver a mulher forte em que me tornei. Pai, eu que sempre critiquei tua forma de agir, teu jeito sério e às vezes um pouco isolado, acabei ficando bem parecida contigo. Apesar do teu jeito às vezes indiferente, eu sei o quanto tu nos amava, e aprendi com esses anos que passaram que cada pessoa, tem sua forma de demonstrar seu afeto, e cabe a nós entendermos e respeitarmos isso. Sempre te achei uma pessoa forte, gosto muito quando dizem que pareço contigo, porque no fundo eu sempre admirei o quanto tu resistiu e lutou, mesmo com tua infância difícil.

Agradeço às minhas amigas, Nice e Rose, por todo o companheirismo, amizade, carinho e luta nesses anos de faculdade. Foram quase cinco anos de convivência aonde as considero como irmãs que eu nunca tive. Passamos momentos de alegrias, risadas, muitas conversas, algumas brigas, muito cansaço pelos trabalhos exaustivos que tivemos, mas nada nos manteve distantes.

Gurias foi à força e amizade de vocês que também me deu coragem para continuar a seguir com ânimo e fé até o final do curso. Que possamos levar nossa amizade para a vida.

Agradeço também à pequenina Kolyne, a minha Minnie, uma criança cheia de inocência e energia que eu amei desde a primeira vez que a vi, ela que quando me conheceu já abriu os seus pequenos bracinhos cheios de amor e veio ao meu encontro. Mesmo sendo minha prima de segundo grau, te considero muito e foi pensando em ti, que escolhi o tema deste estudo. Que tu possas aproveitar muito ainda da tua infância e brincar na casa da vó, com os pés descalços na terra e subindo nas árvores, assim como tu sempre gostou de fazer. Que as boas energias universais estejam sempre te guiando para um caminho de muito amor e felicidade.

Agradeço a toda à equipe da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, em especial à Bibliotecária Elisabete Lorensi Ferreira, a qual sempre manteve contato comigo, me passando informações que foram úteis para este estudo, e me recebeu de braços abertos no espaço da Biblioteca. Agradeço também a Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai, a qual me possibilitou a entrevista com as crianças participantes do grupo focal.

Em especial, agradeço às oito crianças que participaram da entrevista, me possibilitando seguir em frente neste estudo, e me mostrando que lutar pela mediação da Educação Ambiental na infância, vale muito a pena.

Agradeço às integrantes da banca examinadora Prof^a. Jeniffer Alves Cuty e Prof^a. Lizandra Brasil Estabel, que gentilmente cederam um pouco do seu tempo para contribuir na avaliação deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha sempre gentil orientadora Profa. Eliane Moro, que ao longo de todo o trajeto do curso esteve de alguma forma do meu lado, me motivando com suas aulas encantadoras e revigorantes, para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada querida professora, por tua paciência em todos os momentos de dúvidas ao longo do trabalho. Obrigada, pelos momentos que ultrapassaram essa barreira acadêmica entre professor/aluno, nos quais foram encontros com muitas conversas, proximidade e amizade, e me fez perceber que assim como na biblioteca, o aluno também precisa se sentir acolhido dentro dos espaços da universidade. Em sua homenagem, deixo aqui uma curta frase, mas cheia de significados:

“O saber que não vem da experiência não é realmente saber.”. (Vygotsky, Lev).

"A natureza esteve antes de nós, coexiste conosco, e permanecerá depois de nós. Ela não depende de nós para existir, ao contrário, somos nós quem precisamos dela para nossa sobrevivência como espécie. Cada vez que a desrespeitamos e a atacamos, estamos direcionando essa energia hostil contra nós mesmos, e dessa forma, vamos morrendo um pouco a cada dia."

(Carla Nunes; Nelson Carneiro Jr.).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso possui como objetivo principal verificar a contribuição do bibliotecário como mediador da informação ecológica no desenvolvimento de um comportamento ambiental nas crianças que frequentam a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah localizada em Porto Alegre/RS. A metodologia se dá através de uma pesquisa de caráter qualitativo, por meio de um estudo de caso, no qual, a coleta de dados é feita através de uma entrevista com a Bibliotecária e também utiliza a modalidade de entrevista através do grupo focal, tendo como sujeitos participantes um grupo de oito alunos do 2º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai, localizada no bairro Moinhos de Vento/Porto Alegre. Apresenta um breve histórico da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. O referencial teórico consiste em abordar os conceitos de direito à informação ambiental pelos cidadãos, desenvolvimento sustentável e os desafios atuais, sustentabilidade: sociedade, economia e meio ambiente, ética ambiental, a importância da educação ambiental na infância e por fim, o bibliotecário como mediador da informação ambiental. Descreve a coleta de dados contendo a entrevista com a bibliotecária e os resultados do grupo focal com os alunos. Os dados coletados das entrevistas são descritos e analisados em corroboração com o referencial teórico. Conclui-se com a análise realizada a partir da coleta dos dados, que os resultados finais alcançam os objetivos gerais e específicos da pesquisa proposta. Identifica que a mediação da informação ambiental realizada pelo bibliotecário, através de seu papel também social, contribui de forma significativa no desenvolvimento de uma atitude de qualidade ambiental nas crianças que frequentam a Biblioteca Infantil Ecológica Maria Dinorah. Identifica as ações de educação ambiental realizadas pela biblioteca com as crianças, e analisa a forma como é realizada essa mediação pelo bibliotecário. Conclui-se por fim, que o papel do bibliotecário na mediação da informação de cunho ambiental é fundamental na contribuição para a formação de cidadãos com educação e ações sustentáveis para o equilíbrio do meio ambiente.

Palavras chave: Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. Educação Ambiental. Mediador. Sustentabilidade. Consumismo.

ABSTRACT

This Course Completion Work has as main objective to verify the contribution of the librarian as mediator of the ecological information in the development of an environmental behavior in the children who attend the Ecological Children's Library Maria Dinorah located in Porto Alegre / RS. The methodology is based on a qualitative research, through a case study, in which the data collection is done through an interview with the Librarian and also uses the interview modality through the focal group, subjects participated a group of eight students of the 2nd year of the State School of Basic Education Uruguay, located in the Moinhos de Vento / Porto Alegre. It presents a brief history of the Maria Dinorah Ecological Children's Library. The theoretical framework consists of addressing the concepts of the right to environmental information by citizens, sustainable development and current challenges, sustainability: society, economy and environment, environmental ethics, the importance of environmental education in childhood and, finally, the librarian as mediator of environmental information. Describes the data collection containing the interview with the librarian and the results of the focus group with the students. The data collected from the interviews are described and analyzed in corroboration with the theoretical reference. It concludes with the analysis performed from the data collection, that the final results reach the general and specific objectives of the proposed research. It identifies that the mediation of environmental information carried out by the librarian through its social role also contributes significantly to the development of an attitude of environmental quality in the children who attend the Maria Dinorah Ecological Children's Library. It identifies the actions of environmental education carried out by the library with the children, and analyzes the way in which this mediation is carried out by the librarian. Finally, it is concluded that the role of the librarian in the mediation of environmental information is fundamental in contributing to the formation of citizens with education and sustainable actions to balance the environment.

Key words: Ecological Children's Library Maria Dinorah. Environmental Education. Mediator. Sustainability. Consumerism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Mapa de localização da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah.....	42
Figura 02 – A Biblioteca no antigo prédio do moinho.....	42
Figura 03 – Atual sede da Biblioteca.....	43
Figura 04 – A Biblioteca e sua estrutura, acervo e prática com as crianças.....	43
Figura 05 – Maria Dinorah.....	44
Figura 06 – Exemplo de prática de EA no espaço da Biblioteca.....	44
Figura 07 – Prática de Educação Ambiental sobre reciclagem na Biblioteca.....	45
Figura 08 – Folder de apresentação da Biblioteca.....	45
Figura 09 – A Bibliotecária Elisabete em uma mediação com as crianças.....	46
Figura 10 – Eu com a Bibliotecária Elisabete e uma estagiária da Biblioteca.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS

CBBB - Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

CEIA - Centro de Educação e Informação Ambiental

EA - Educação Ambiental

FABICO – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

ONU - Organização das Nações Unidas

POA – Porto Alegre

RS – Rio Grande do Sul

SISNAMA - Sistema Nacional do Meio Ambiente

SMAM - Secretaria Municipal do Meio Ambiente

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	INFORMAÇÃO AMBIENTAL: UM DIREITO DE TODOS.....	17
3	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: DESAFIOS ATUAIS.....	20
4	SUSTENTABILIDADE: SOCIEDADE, ECONOMIA E MEIO AMBIENTE.....	23
5	ÉTICA AMBIENTAL: ORIGEM E CONCEITO.....	28
6	EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA.....	31
7	O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	34
8	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	38
9	CONTEXTO DO ESTUDO.....	41
10	SUJEITOS DO ESTUDO.....	47
11	COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	48
11.1	Entrevista com a Bibliotecária.....	49
11.2	Aplicação do Grupo Focal.....	54
12	RESULTADOS DO ESTUDO.....	66
13	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
	REFERÊNCIAS.....	73
	APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	78
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA.....	79
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS.....	80

1 INTRODUÇÃO

A informação ambiental é tema muito debatido na atualidade, e a Lei de Acesso à Informação, Nº 10.650/2003, colabora para a sua importância. Através dela, é oportunizado aos cidadãos estarem informados sobre os dados referentes à situação relacionada ao meio ambiente de sua cidade ou país.

Apesar de existir uma grande produção científica que relaciona o meio ambiente com as diversas áreas do conhecimento, no âmbito da Biblioteconomia, a informação ambiental é um assunto ainda pouco abordado. Desta forma, percebe-se a necessidade de se discutir qual seriam as atribuições do bibliotecário como mediador da informação ambiental nas ações e atividades do desempenho profissional.

O presente trabalho busca investigar o seguinte problema: Como o profissional bibliotecário pode contribuir na mediação da informação ecológica para incentivar o desenvolvimento de uma atitude de qualidade ambiental, nas crianças que frequentam a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah?

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo geral da pesquisa verificar a contribuição do bibliotecário como mediador da informação ecológica no desenvolvimento de um comportamento ambiental em crianças que frequentam a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah localizada em Porto Alegre/RS. Como objetivos específicos deste estudo pode-se destacar: observar a mediação da informação ecológica no espaço da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah; analisar o comportamento e a percepção das crianças durante as atividades de interação com a temática ambiental realizadas no espaço da Biblioteca; avaliar o papel exercido pelo bibliotecário na mediação da informação ecológica para a formação de cidadãos com educação e ações sustentáveis para o equilíbrio do meio ambiente.

A temática ambiental ganha cada vez mais espaço em nossa sociedade, desde a revolução industrial o meio ambiente sofre cada vez maiores impactos devido ao nosso estilo de vida atual: com pensamento cada vez mais individualista e sem preocupação com as próximas gerações. Padrões de consumo de alimentos, de materiais de construção, de vestuário, de objetos que dependem de outros bens materiais para sua produção, produzem pressões sobre os recursos naturais. As coisas que adquirimos estão cada vez mais descartáveis, com embalagens e

substâncias que não são biodegradáveis, em consequência, ocorre o que vivenciamos a cada dia: desmatamento, poluição nos rios, do solo e do ar, entre outros, tornando a vida, principalmente nas metrópoles, cada vez mais “irrespirável” e cinza.

Além disso, as crianças estão cada vez mais fascinadas pelas novas tecnologias e com assiduidade estão frequentando os shoppings centers. As grandes mídias, como a televisão e as redes sociais, estimulam ao consumismo sem nenhum tipo de reflexão, levando os pais a saírem constantemente com seus filhos em shoppings, onde lá são induzidos a consumirem em *fast foods*, lojas de roupas e brinquedos, cinemas, entre outros. As crianças das grandes cidades são as que mais sofrem, com a alta taxa de criminalidade e com os pais com pouco tempo disponível, elas pouco brincam ao ar livre.

Elas não são estimuladas a irem a parques e praças para brincar e correr, pelo contrário, são influenciadas a consumirem aparelhos eletrônicos como vídeo games, televisão e celulares dentro de suas casas. As crianças que não possuem contato com a natureza, como os parques e praças de suas cidades, não irão se preocupar em protegê-las.

Afinal, nós protegemos aquilo que amamos, e amamos aquilo com o qual convivemos. E qual a convivência que a criança da geração tecnológica e do consumismo está tendo com a temática ecológica?

Diante desta triste realidade, nos cabe questionar: qual o papel da disseminação da informação ambiental? Quem detém a informação, têm uma grande ferramenta de mudanças para um futuro melhor, mas, é no presente que deve ser disponibilizada e mediada esta informação para que possamos colher os frutos. O profissional Bibliotecário é quem trata a informação e a torna acessível ao usuário final, porque também não assumir o seu papel frente às questões ambientais?

É no espaço da biblioteca que também devem ser abordadas as temáticas ecológicas e, no espaço infantil, tanto em bibliotecas escolares, especializadas ou públicas, a criança terá acesso aos recursos informacionais que transmitem de forma lúdica e divertida, a importância da educação ambiental, propiciando a construção de novas aprendizagens.

No decorrer do trabalho, foram retratados no referencial teórico os seguintes tópicos: a informação ambiental como um direito de todos, desenvolvimento

sustentável e seus desafios, sustentabilidade no viés social, econômico e ambiental, ética ambiental e o papel do bibliotecário na educação ambiental. Foram referenciados autores da área que auxiliaram no embasamento teórico e possibilitaram uma maior compreensão dos assuntos tratados e, conseqüentemente na corroboração da análise dos dados coletados.

O escopo desta pesquisa é tentar investigar através dos dados coletados, qual a relevância da informação ecológica e como o profissional bibliotecário se encontra envolvido com esta temática, discutindo também os efeitos de uma educação ambiental nas crianças, e como isso pode influenciar na formação de futuros cidadãos com responsabilidade social e ações mais sustentáveis para o planeta.

A Agenda 2030, que é um plano de ações em prol de um futuro sustentável, foi realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York, em setembro de 2015. Sua base são os 5 Ps: pessoas, planeta, prosperidade, paz e parceria. Esses elementos são integrados e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.

Frente ao atual momento vivido, onde os recursos naturais estão cada vez mais limitados devido à constante exploração do homem, é fundamental o papel do bibliotecário como agente socializador, promovendo o tratamento, a disponibilização e a disseminação da informação socioambiental de forma atualizada e íntegra.

2 INFORMAÇÃO AMBIENTAL: UM DIREITO DE TODOS

Nas circunstâncias atuais, em que nossa sociedade se encontra em relação ao constante crescimento industrial e populacional, é fundamental que exista uma comunicação sobre as ações tomadas em relação ao meio ambiente, que são realizadas, pelo Estado, pelas empresas e, também em uma esfera mais micro, como nas cidades e bairros. Sendo assim, surgiu à necessidade da informação ambiental, que é classificada com uma forma de informação científica e tecnológica a qual tem importância na luta contra a destruição ambiental em que estamos vivendo. Infelizmente, a informação ambiental encontra-se restringida, pois, não existe um contato real entre quem detém a informação e as populações alcançadas pelas políticas públicas ambientais.

Sobre o direito à informação está previsto em nossa Constituição Federal, no artigo 5, que trata dos direitos e garantias fundamentais do cidadão, que informa em seu inciso XXXIII que: “todos têm o direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral [...]”. (BRASIL, 1988, online)

A não transparência de informações ambientais pode gerar danos irreversíveis à sociedade, pois poderá prejudicar o meio ambiente, o qual além de ser um bem comum à nação deve ser protegido por todos, inclusive pelo Estado, como mostra o artigo 225, da Constituição Federal:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1988, online).

A Lei Nº 6.938/81 de 1981 que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, prevê no artigo 4, inciso V: “À difusão de tecnologias de manejo do meio ambiente, à divulgação de dados e informações ambientais e à formação de uma consciência pública sobre a necessidade de preservação da qualidade ambiental e do equilíbrio ecológico”. Ainda na mesma lei no artigo 9, inciso X, informa ainda que são instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente: “a instituição do Relatório de Qualidade do Meio Ambiente, a ser divulgado anualmente pelo Instituto Brasileiro

do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, IBAMA”. (BRASIL, 1981, *online*).

Outro exemplo de importante informação é a obrigatoriedade imposta aos órgãos ambientais integrantes do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), criado pela Lei de Política Nacional do Meio Ambiente (Lei 6.938, de 1981), de elaborar e divulgar relatórios anuais relativos à qualidade do ar e da água e, na forma da regulamentação, de outros elementos ambientais. Relatórios de qualidade ambiental são essenciais para a garantia do direito ao meio ambiente saudável, já que representam instrumentos de planejamento e organização das atividades de uma sociedade.

Dessa forma, o direito à informação ambiental está previsto categoricamente em nossa Constituição Federal, assim o cidadão deve exigir que as informações lhe sejam repassadas de forma correta e clara, garantindo seu direito previsto por lei.

Constatando isso, Lima (2015, *online*), afirma,

A educação não define o que é o não é desejo ou necessidade, mas orienta e mostra caminhos. A escolha deve apenas a sociedade, sem a orientação, não existe opção, nega-se a sociedade o direito de se esclarecer, entregando-a aos seus meros desejos.

O conhecimento deste tipo de informação possui um significativo poder na tomada de decisões que abrange os nossos políticos, empresários, pesquisadores e cidadãos, pois, elucida sobre todos os impactos da atividade humana, desde ações como o descarte seletivo de lixos, corte de árvores para um projeto arquitetônico. à construção de uma hidroelétrica, como pode ser citado o exemplo da Hidroelétrica de Belo Monte, que atualmente está sendo construída na bacia do Rio Xingu, próximo ao município de Altamira, localizado no estado do Pará, que gerou uma grande discussão de ambientalistas, da comunidade indígena local e também da mídia, houve uma grande oposição ao projeto devido ao grande impacto ambiental que ele causaria para as comunidades e para a biodiversidade local.

Mueller (1992, *online*) ressalta que a produção de informações ambientais pretende:

Fornecer subsídios para a abordagem apropriada dos impactos de fenômenos naturais e das atividades humanas sobre o meio ambiente e sobre a qualidade de vida do ser humano no sentido de

prover informações e análises relevantes ao planejamento e à formulação de políticas sociais, econômicas e ambientais integradas.

Nesta visão, a informação ambiental está relacionada a uma mudança de ações e comportamentos, tendo papel fundamental na preservação ambiental, contribuindo para modificarmos nossas ações no mundo, e conseqüentemente num futuro com menos incertezas diante do meio ambiente. (FREIRE; ARAÚJO, 1999).

Dessa forma, o acesso à informação ambiental deve ser aceito como uma questão de utilidade pública, pois, somente desta maneira, seremos capazes de estabelecer mudanças socioeconômicas e ambientais, em um contexto local e também global.

3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: DESAFIOS ATUAIS

O termo “desenvolvimento sustentável” é um conceito que engloba diversas áreas, fundamentando-se com base num ponto de equilíbrio entre o crescimento econômico, igualdade social e a preservação do meio ambiente. Surgiu em 1987, no Relatório Brundtland, intitulado “Nosso futuro comum”, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Entre as suas principais sugestões, o Relatório Brundtland aborda duas questões essenciais:

- A preservação do meio ambiente para as futuras gerações, garantindo os recursos naturais para a subsistência da espécie humana e demais seres vivos.
- A diminuição da fome e da pobreza, que seria causada pelo desequilíbrio ecológico e pelo alto padrão de consumo.

Ocorreu em 2012, a conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Natural, conhecida também como Rio+20, na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo era discutir sobre a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável e, contou com a participação de chefes de Estado de 193 nações que discutiram sobre mudanças, principalmente na forma como estão sendo utilizados os recursos naturais do planeta. O encontro rendeu também um documento intitulado “O Futuro que queremos”, que reafirma a questão da sustentabilidade:

Avaliamos como essencial a tomada de medidas de urgência locais para eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo; para garantir a sustentabilidade ambiental e promover a conservação e o uso sustentável da biodiversidade e dos ecossistemas, a regeneração dos recursos naturais; e promover um crescimento global sustentável, inclusivo e justo. (BRASIL, 2012, *online*).

Pode-se entender que desenvolvimento sustentável, não se refere apenas a questão da preservação dos recursos naturais, para uma sociedade sustentável se desenvolver, é preciso existir igualdade econômica, justiça social, incentivo à diversidade cultural e defesa do meio ambiente.

Segundo Jacobi (2005), os embates entre o progresso e a conservação do

meio ambiente ainda continuam, e a perspectiva econômica é o fator crucial para se colocar em dúvida o conceito das organizações ambientalistas.

O autor ainda ressalta a importância de incorporar progressivamente dos valores ambientais, um saber ainda em construção, é necessário um grande esforço nos aspectos integradores que visam o desenvolvimento, que incitam uma reflexão sobre a diversidade e, sobre a formação de uma consciência nas relações indivíduos-natureza, nas degradações ambientais globais e locais e nas relações ambiente-desenvolvimento. (JACOBI, 2005).

A industrialização trouxe muitos malefícios para o meio ambiente, o que levou a sociedade a recorrer de um modelo de desenvolvimento econômico mais sustentável. Assim, o pensamento de que os recursos naturais são infinitos é “substituído” pelo paradigma da escassez destes recursos, já que os bens ambientais estão sujeitos à exploração humana, o que pode levar a sua finitude. (COLOMBO, 2006). O relatório de Brundland aponta para a necessidade de descentralização nos investimentos de recursos financeiros e humanos, afirmando ainda, que a pobreza já pode ser analisada como um problema ambiental e como uma pauta primordial para a conquista da sustentabilidade. (BARBOSA, 2008).

A ONU através do relatório de Brundland apresenta o desenvolvimento sustentável como:

O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais. (ORGANIZAÇÃO...,1987, *online*).

Entende-se então, que o desenvolvimento sustentável é uma maneira de guiar a sociedade em seus avanços, de forma que prejudique o menos possível, a atual e às futuras gerações. Em suma, o desenvolvimento sustentável pode ser visto como algo economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto.

O desenvolvimento sustentável segundo Balestrini (2013, *online*), “deve propiciar o avanço científico e tecnológico aos países que o adotarem, pois caso ele seja um retrocesso tecnológico, nunca será implantado com sucesso.”.

Os documentos produzidos pelo Relatório Brundtland sobre o Desenvolvimento Sustentável, sofreram duras críticas, pois atribuíram a situação de insustentabilidade do planeta, principalmente o descontrole populacional e a miséria, aos países subdesenvolvidos, criticando muito brandamente os países do Primeiro Mundo pela poluição que produziram durante os últimos séculos. (GONÇALVES, 2005).

Em contraponto à Balestrini (2013), observa-se no setor industrial as multinacionais, que ao mesmo tempo são as grandes impulsionadoras do progresso, e possuem uma boa parcela de responsabilidade pela degradação ambiental que ocorre no planeta. Essas grandes empresas, surgiram em uma época em que todos os recursos naturais eram disponíveis em abundância, e o pensamento voltado à preservação do planeta ainda não tinha despertado. Infelizmente ainda hoje, mesmo com tantos encontros internacionais e com a produção de vários documentos oficiais, que abordam a urgência de uma mudança de paradigmas, o setor industrial parece continuar não se importando muito com a escassez de recursos e com a poluição gerada.

Para pensar em desenvolvimento sustentável, é necessário que ocorram mudanças num contexto político-social, onde a sociedade inicie uma mudança de pensamento em relação ao atual padrão de consumo, onde os produtos possam ser renováveis e reutilizáveis.

4 SUSTENTABILIDADE: SOCIEDADE, ECONOMIA E MEIO AMBIENTE

Desde a Revolução Industrial com seu início no ano aproximado de 1760, houve grandes mudanças no estilo de vida na sociedade, atividades manuais passaram a serem realizadas por máquinas, uso crescente da energia a vapor e utilização em grande escala de carvão. Com isso, o meio ambiente vem sofrendo lentamente os efeitos da modernidade: sua progressiva degradação. Somente a partir da década de 60, que se inicia uma preocupação global com os resultados da influência da ação humana no meio ambiente.

A sustentabilidade pode ser definida como a capacidade de o ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. O conceito de sustentabilidade é complexo, pois atende a um conjunto de variáveis interdependentes, mas podemos dizer que deve ter a capacidade de integrar as questões sociais, energéticas, econômicas e ambientais. Para que um empreendimento/produto seja considerado sustentável, é preciso que ele seja:

- Ecologicamente correto.
- Economicamente viável.
- Socialmente justo.
- Culturalmente diverso.

Para Leff, (2009, *online*) o saber ambiental não se limita ao conhecimento ecológico e biológico e nem se refere apenas do saber a respeito do ambiente, nem sobre as formações teóricas e do externo. Mas é sobre a formação da coletividade e identidades compartilhadas, que geram interpretações culturais diversas na perspectiva de uma diversidade em progresso e de um futuro sustentável.

A sustentabilidade visa estabelecer um equilíbrio entre o que a natureza pode nos oferecer, qual o limite para o consumo dos recursos naturais e a melhora na nossa qualidade de vida. Já o desenvolvimento sustentável tem como objetivo preservar o ecossistema, mas também atender às necessidades socioeconômicas das comunidades e manter o desenvolvimento econômico.

Segundo a Declaração de Política de 2002 da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada em Joanesburgo, a sustentabilidade é dividida em três principais pilares: social, econômico e ambiental. Este conceito surgiu com o sociólogo e consultor britânico John Elkington, chamado de *Triple Bottom Line* (tripé da sustentabilidade), conhecida como os “Três Ps” (*people, planet and profit*), em português, “PPL” (pessoas, planeta e lucro).

Para Elkington (2001), o pilar social abrange o capital humano, na forma de saúde, habilidades e educação, mas também deve compreender uma maior amplitude de saúde social e da capacidade de criação de riqueza. Para o autor, a questão da desigualdade social não deve ser vista isoladamente do conceito de sustentabilidade. Percebe-se que somente com o trabalho em conjunto das pessoas de uma sociedade ou organização e, estabelecendo uma relação de confiança entre elas, o resultado será atingido de forma satisfatória, visando um desenvolvimento pleno.

Segundo a Agenda 21, um documento assinado em 1992, no Rio de Janeiro, por 179 países, resultado da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento:

Um primeiro passo rumo à integração da sustentabilidade ao manejo econômico é determinar mais exatamente o papel fundamental do meio ambiente enquanto fonte de capital natural e enquanto escoadouro dos subprodutos gerados durante a produção de capital pelo homem e por outras atividades humanas. Visto que o desenvolvimento sustentável tem dimensões sociais, econômicas e ambientais, também é importante que os procedimentos nacionais de contabilidade não se restrinjam à quantificação da produção dos bens e serviços remunerados convencionalmente. É preciso desenvolver uma estrutura comum que permita que as contribuições de todos os setores e atividades da sociedade não incluídas nas contas nacionais convencionais sejam incluídas em contas satélites, dentro de uma óptica de validade teórica e viabilidade. (ORGANIZAÇÃO..., 1992, p. 106-107, *online*).

O conceito de sustentabilidade que foi proposto pela ECO-92 no Rio de Janeiro, surgiu como um fruto da necessidade à sobrevivência da espécie humana, discutindo-se estratégias econômicas com o objetivo de impulsionar o crescimento e uma melhor perspectiva das condições de vida sem comprometer (muito) o meio ambiente e os recursos naturais.

Segundo Carvalho e Bassani (2004), o simples pensamento sobre desenvolvimento aliado à sustentabilidade parece ser um absurdo em si, envolta de vários discursos que distorcem a realidade, modificando seus sentidos. As metas sobre desenvolvimento rompem as metas da sustentabilidade, as ações entram em choque com as ideias de preservação e de proteção. Perante as várias falhas do desenvolvimentismo e da condição artificial das ações, as palavras perdem o valor e o significado do que os acontecimentos realmente representam da realidade.

Analisando as metas apresentadas pela Agenda 21 e a realidade atual, efetivamente nos últimos anos houve grandes falhas das iniciativas da sociedade civil, do setor empresarial e setor político, não existiu uma significativa evolução em termos de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade como se esperava.

Longe disso, os índices de miséria, exclusão social, poluição e degradação ambiental estão atingindo dados cada vez maiores. Percebe-se, por exemplo, na esfera social o número de desempregados nos últimos anos e, também de escolas que fecharam por apresentar precariedade. Numa esfera ambiental, podemos pensar na empresa Samarco e em sua completa irresponsabilidade social, no desastre ambiental ocorrido no final de 2015, devido ao rompimento de uma das barragens da empresa, localizada na cidade de Mariana em Minas Gerais.

Carvalho e Bassani (2004, p. 76, *online*) ainda complementam:

Refletir sobre modelos sustentáveis constitui um desafio. Sabe-se da importância da aptidão para construir estabilidades novas e sensibilizar-se ambientalmente em todos os sentidos, principalmente no sentido do consumo voraz e padronizado de produtos. Sabe-se da necessidade de refletir sobre a qualidade das relações homem-natureza e do fortalecimento do senso de responsabilidade e solidariedade.

Segundo Barbosa (2008), a sustentabilidade ambiental urbana ainda é um grande desafio a ser percorrido, e nunca será algo definitivo a ser atingido. O ideal de uma essência urbana sustentável carrega consigo uma série de alternativas e métodos que podem agir em um nível local ou global. Ademais, valorizar o desenvolvimento social e humano com possibilidade de uma base ambiental, transformando cidades em produtoras com ações todos possam ter acesso é uma forma de reconhecer esses espaços, de forma que possa englobar os elementos naturais e sociais.

Em setembro de 2015, líderes mundiais reuniram-se na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, e decidiram um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A Agenda 2030 corresponde ao conjunto de programas, ações e diretrizes que orientarão os trabalhos das Nações Unidas e de seus países membros rumo ao desenvolvimento sustentável. As negociações da Agenda 2030 culminaram em documento que propõe 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas correspondentes, fruto do consenso obtido pelos representantes dos estados membros da ONU.

Como objetivos para alcançar o desenvolvimento sustentável, entre os períodos 2016-2030, foram propostos os apresentados no Quadro 1:

Quadro 1: ODS da Agenda 2030

Objetivos para o desenvolvimento sustentável (Agenda 2030)	
Objetivo 1	Acabar com a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares
Objetivo 2	Eliminar a fome, alcançar a segurança alimentar e melhor nutrição, promovendo a agricultura sustentável
Objetivo 3	Assegurar vidas saudáveis e promover o bem estar para todos em todas as idades
Objetivo 4	Assegurar educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizado por toda a vida para todos
Objetivo 5	Alcançar a igualdade de gênero e promover a autonomia de todas as mulheres e meninas
Objetivo 6	Assegurar a disponibilidade e a gestão sustentável de água e saneamento para todos
Objetivo 7	Assegurar o acesso a energia confiável, sustentável, moderna e a preço acessível para todos
Objetivo 8	Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego integral e produtivo e trabalho decente para todos
Objetivo 9	Construir infra-estrutura resiliente, promover industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
Objetivo 10	Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
Objetivo 11	Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
Objetivo 12	Assegurar padrões sustentáveis de consumo e de produção
Objetivo 13	Adotar ação urgente para combater a mudança do clima e seus impactos*
Objetivo 14	Conservar e usar de modo sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável

Objetivo 15	Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, promover a gestão sustentável de florestas, combater a desertificação, cessar e reverter a degradação da terra e cessar a perda de biodiversidade
Objetivo 16	Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, oferecer a todos o acesso à justiça e construir instituições efetivas, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
Objetivo 17	Fortalecer os meios de implementação e revigorar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

Fonte: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>.

Analisando os objetivos formulados pela Agenda 2030, todos estão conectados mesmo que indiretamente com o conceito de sustentabilidade. A preservação do planeta e seus recursos são sim de emergencial relevância, porém, para implementação de um conceito de desenvolvimento sustentável que possa ser colocado na prática é necessário que a sustentabilidade esteja de mãos dadas com o viés social e econômico, ou seja, é primordial a luta contra a desigualdade social, uma equiparação de gêneros e etnias, fomento a uma educação digna para todos, saúde através de alimentos orgânicos que possam ser produzidos através da agricultura sustentável, fomento à inovação, entre outros.

Infelizmente, nem todas as nações, ou mesmo seus representantes e suas grandes corporações possuem um real interesse nestas mudanças para o planeta, pois isso representaria um menor domínio global sobre os países subdesenvolvidos, diminuição no lucro e menor poder e influência sobre as decisões político-sociais no mundo.

5 ÉTICA AMBIENTAL: ORIGEM E CONCEITO

A ética ambiental, que surgiu na década de 60, vai além da interação do homem na sociedade, mas, trata também, da relação do homem com o meio ambiente. Ela consiste em promover uma relação mais próxima e consciente com o meio natural e, recomenda que as relações entre os seres humanos sejam construtivas e com respeito e, que isso possa englobar na relação com animais, plantas, espécies e ecossistemas. Apesar de parecer simples, a ética ambiental exige um bom entendimento e análise do assunto, principalmente entre os especialistas e pesquisadores que buscam compreender e atingir o caminho para o homem obter a capacidade de se relacionar com o meio ambiente de forma inteligente e menos agressiva.

A ética antropocêntrica, defendida principalmente por Descartes e Kant, estuda o comportamento social do homem entre si, levando-o a condição de espécie superior pela razão. Conforme esta corrente filosófica, o ser humano é considerado o centro atribuído graças à sua capacidade de raciocinar, capacidade que o tornaria superior aos outros seres. Segundo Costa (2007, p.17, *online*):

[...] Parece-nos importante salientar de modo especial o imperativo categórico moral de Kant: agir sempre de modo que o outro seja visto como fim, e não meio. Se essa máxima fosse aplicada na relação homem-natureza, esta não seria apenas objeto a ser utilizado, mas como algo possuidor de valor intrínseco. Mas não é isso o que acontece, estando aí os graves problemas ambientais para confirmar a tese de que, dentro de um modelo antropocêntrico, não é possível o surgimento de uma ética ambiental, sendo necessário então uma nova revolução copernicana da razão ocidental.

Na visão do antropocentrismo, somente o ser humano é capaz de praticar atos morais e possuir direitos. Inclusive na ação homem-natureza são reconhecidos exclusivamente os interesses do ser humano, pois, ele é o detentor da razão, possui a liberdade de vontade que são pertencentes somente à espécie humana, visto que seus anseios não podem ser equiparados a uma suposta vontade da natureza, tendo somente o homem a competência de distinguir valores morais nos comportamentos de outros. Não há espaço para discutir os direitos da natureza dentro do antropocentrismo, pois para esta filosofia, a natureza não é provida de pensamento, de razão e não é livre.

Conforme Calloni e Silva (2008, p.230, *online*):

Os homens esquecem que não podem viver sem o ambiente e o destroem, o usam como qualquer outro produto ou meio de produção, extraindo, inconsequentemente, os recursos que não se renovam, pois pensam estar à margem do que o forma e dá condições para a existência humana: a natureza. Acreditam poder libertar-se da terra e, desse modo, mesmo que não compreendam, de si mesmo.

Já na visão holística sobre ética ambiental, não existiria diferença entre o domínio da Natureza e o domínio dos seres humanos uns pelos outros, pois nós também seríamos parte da Natureza. Na evolução de uma sociedade humana através da consciência ecológica, a interação da humanidade com o planeta também seria transformada. A Terra é vista como um todo do qual todos os seres são partes, na qual a regeneração ecológica é indivisível da regeneração social. (GRÜN, 2007).

Por isso a ética é fundamental, pois somos seres capazes de fazer escolhas, intervenções, construções e também, tudo aquilo que fazemos têm uma reação no mundo. Nossas atitudes corrompidas no decorrer da história, nossa má interpretação do mundo criou essa crise, a qual surgiu pelas rupturas na comunicação e na informação, e do não pertencimento junto ao meio ambiente.

Dessa forma, Boff (2004, p. 29) nos afirma,

Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade. Conhecer é entrar em comunhão com as coisas. [...] Temos uma nova percepção da Terra, como uma imensa comunidade da qual somos membros. Membros responsáveis para que todos os demais membros e fatores, desde o equilíbrio energético dos solos e dos ares, passando pelos microrganismos até chegar às raças e a cada pessoa individual, possam nela conviver em harmonia e paz.

E é isso que o estudo e conhecimento da ética nos proporcionam, uma maior integração com a sociedade, com a natureza e com a Terra, fazendo-nos pensar sobre nossas atitudes sobre o meio ambiente, e o quanto estamos ferindo a nós mesmos quando degradamos nosso planeta.

De acordo com Mata e Cavalcanti (2002, p.170, *online*):

A ética é o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana. Implica no entendimento do que deve ser socialmente

correto e justo para a geração presente e sustentável, no longo prazo. No plano ambiental, a ética deve ser entendida como um pressuposto fundamental do comportamento humano, sob o qual as decisões de gestão dos recursos naturais devem visar ao consumo presente, sem prejuízo para as gerações futuras.

Neste contexto, a ética ambiental representa uma característica essencial do comportamento humano, desde que, venha acompanhada de informações disponíveis pelos meios de comunicação para seu desenvolvimento. A preocupação na tomada de decisões sobre os recursos naturais e sobre o futuro que as próximas gerações irão viver se baseiam na conduta ética atual da sociedade.

6 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA

A Educação Ambiental possui como um de seus objetivos a disseminação do conhecimento sobre o meio ambiente, com o intuito de ajudar na preservação e utilização sustentável dos recursos naturais do planeta.

Segundo JACOBI (2003), “a educação ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária.”.

Em 27 de abril de 1999, surge no Brasil a Lei N° 9.795, denominada Lei da Educação Ambiental, em seu Art. 2° afirma: "A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.”.

No que abrange às escolas, os Art. 9° e 10° informam que a educação ambiental será desenvolvida nos currículos escolares nas instituições públicas e privadas e nas séries que são pertinentes a educação básica, a educação superior, a educação especial, a educação profissional, e a educação de jovens e adultos, vetando-se a sua implantação como disciplina específica, mas direcionada para uma prática contínua e permanente em todos os níveis da educação formal. (Lei N° 9.795, 1999, *online*).

Muitas vezes é nas escolas em que ocorre o primeiro contato com a Educação Ambiental (EA), assim como na leitura, nem sempre é dentro de casa que acontece o despertar da curiosidade e interesse na criança. Isso pode ocorrer por vários motivos, como pela própria desinformação da família, falta de tempo ou até mesmo de interesse sobre o assunto. Isso vai afastando a criança do prazer da leitura e de adquirir novos conhecimentos, neste pensamento, Moro e Estabel (2011, p.80, *online*) nos afirmam,

A leitura crítica se reveste no ato de compreensão e de conhecimento, propicia a relação entre o leitor, o texto e o autor. O leitor, aqui considerado sujeito, executa atividades de constatação, de cotejo, de transformação, pela leitura, que possibilitam à reflexão, a crítica, a participação e o posicionamento em que se vivencia o pleno exercício de cidadania e de inclusão de todos.

Percebe-se então como é fundamental a inserção da abordagem da EA

dentro da sala de aula, através de informações atuais, ações, apresentações, entre outras formas de apresentar o conteúdo.

Tristemente, não é isso que vemos hoje nas escolas públicas, tanto municipais quanto estaduais. Em sua maioria, não estão adaptadas à Lei N° 9.795, e carecem de um conteúdo programático que aborde a EA de uma forma dinâmica, o que torna o assunto pouco interessante para o aluno.

As escolas devem ir além da sala de aula, poderiam explorar outros setores da escola, como o pátio, jardim, e o espaço da biblioteca (se existir na escola), formando uma parceria professor-bibliotecário e trazendo de forma lúdica o conteúdo, através de apresentações, saraus, teatro, entre outros.

As ações de cunho ambiental realizadas fora do espaço da escola, podem representar uma forma mais instigante para os alunos se envolverem pela experiência ecológica vivenciada. Explorar os parques e locais de preservação da cidade pode ser uma ótima maneira de mostrar uma parte do meio ambiente na prática, fazendo os alunos perceberem que são também parte da natureza.

Seguindo essa ideia, Roos e Becker (2012, p.863, *online*) ressaltam:

A Educação Ambiental, como componente essencial no processo de formação e educação permanente, com uma abordagem direcionada para a resolução de problemas, contribui para o envolvimento ativo do público, tornando o sistema educativo mais relevante e mais realista e estabelecendo uma maior interdependência entre estes sistemas e o ambiente natural e social, com o objetivo de um crescente bem estar das comunidades humanas.

As autoras ainda afirmam que ao implementar a EA nas escolas e nos municípios, se estará proporcionando aos alunos e à população uma maior compreensão dos problemas ambientais existentes, da sua responsabilidade e do seu papel crítico como cidadãos de um país e de um planeta. (ROOS e BECKER, 2012).

Neste contexto, o desenvolvimento e a promoção de ações de educação ambiental e a conscientização de seus conteúdos depende deste complexo processo de emergência e integração de um saber ambiental, capaz de ser incorporado às práticas docentes e servir como guia nos projetos de pesquisa. (LEFF, 2002).

Ademais, a Educação Ambiental deve ser vista além de uma consciência ou

aprendizado ecológico, mais do que isso, a EA é uma luta pela liberdade de expressão, pela autonomia, pela diversidade e pela emancipação para uma mudança de paradigmas na sociedade. Pode se dizer que ela é subversiva, pois ela propõe mudanças radicais nos pensamentos e ações. Ela é radical, porque tem muitas perspectivas de mudanças, tanto no pensamento humano como na interpretação e interação com o mundo natural. (MORIN, 2001).

7 O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O acesso à informação ambiental é importante na consolidação da democracia e na defesa do meio ambiente, pois proporciona esclarecimento e instrução, permitindo que os indivíduos estejam aptos a interferir no processo decisório, manifestando-se sobre os riscos que um impacto ambiental possa causar no meio em que vivem. A Educação Ambiental, por exemplo, é um instrumento essencial para adquirir conhecimentos, bem como mudar valores, comportamentos e estilos de vida de forma ética.

Para Amorim (2004, p. 6-7, *online*),

O crescente desnível social e econômico é mais um dos responsáveis pela situação ambiental atual. Nesse contexto surge o desenvolvimento sustentável, um novo modelo de desenvolvimento econômico, que apresenta uma preocupação constante com a melhoria da qualidade de vida da população e com o acesso à informação e a participação de todos os segmentos da sociedade na tomada de decisões, valorizando as ações por um meio ambiente saudável, fazendo uma ligação da temática social e ambiental. Esse novo modelo é caracterizado por novos meios de exploração dos recursos naturais, novos critérios de investimento e tem na informação científica e tecnológica o seu elemento-chave, dentre elas a informação ambiental.

Partindo desse pressuposto, é essencial para o profissional que trabalha com a informação, viabilizar os saberes fundamentais para uma maior compreensão do meio ambiente, para que seja possível, incentivar uma consciência social que gere atribuições, como, renovação, empatia e comprometimento, indispensáveis na demanda de respostas para as questões relacionadas ao meio ambiente.

Floridi (2010, p.45-46, *online*) destaca que:

[...] A ética da informação é, então, somente uma evolução da ética ambiental. Seu princípio fundamental é que algo mais elementar que a vida, o Ser entendido informacionalmente e, portanto, algo mais fundamental que prazer ou dor, nomeadamente “entropia” (não o conceito físico de entropia; aqui significando, destruição de objetos informacionais, isto é, o Nada no vocabulário da antiga metafísica substancialista do Ser). De acordo com a ética da informação teríamos também que avaliar as obrigações dos agentes morais em termos da sua contribuição para o crescimento da infoesfera e qualquer processo, ou ação, ou evento que negativamente afeta toda a infoesfera – não somente o objeto informacional – como um aumento de seu nível de entropia e, portanto, uma instância do mal.

A Educação Ambiental é uma vertente de educação que visa formar cidadãos envolvidos com as questões ambientais e, para que possam encontrar alternativas mais ecológicas em seu consumo, como também manter a preservação dos recursos naturais e a sustentabilidade, refletindo sobre os aspectos econômicos, sociais, políticos, ecológicos e éticos.

A comunidade deve estar a par das informações sobre o contexto atual em que o meio ambiente se encontra, pois, se todos participam da degradação ambiental, devem ter responsabilidade sobre o assunto. É de extrema importância a realização de projetos de conscientização para os temas de cunho ambiental, isto deve refletir na própria segurança e saúde da sociedade. Conseqüentemente os profissionais da informação devem estar ainda mais presentes como mediadores do conhecimento e das notícias sobre o processo de desenvolvimento sustentável do meio ambiente em que está inserido. Amorin (2004, p.10, *online*) trás:

Os papéis do profissional da ciência da informação podem ser então, claramente enumerados: na mediação e facilitação da geração do conhecimento relacionado ao meio-ambiente, na divulgação de problemas e potencialidades ambientais e na disseminação do conhecimento das conseqüências boas e ruins do uso do meio ambiente para as empresas e pessoas, fundamentando-se na responsabilidade social das empresas e indivíduos.

Um grande obstáculo que se enfrenta é oferecer informação relevante que supra as necessidades informacionais e dúvidas dos usuários reais e potenciais. A sociedade nunca teve tanta explosão de notícias, informações, que circulam rapidamente por diversos recursos e tecnologias, e por outro lado, nunca esteve tão “sedento” por conhecimento. Uma das razões para o uso inadequado da informação disponível é a falta de recursos e de metodologias apropriados, que possam difundir e tornar economicamente viáveis esses recursos informacionais. Em suma, a sociedade possui a informação e os materiais necessários, mas necessita de um intermediário para transformar toda essa demanda em conhecimento utilizável e compreensível.

De acordo com Jacobi (2003, p.196, *online*), “a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social.”. Neste pensamento, o profissional bibliotecário deve assumir seu papel frente a essa

demanda de informação que cada vez mais se torna essencial. A mediação do ensino deve ser realizada de forma integrada, ou seja, com uma visão holística de mundo, que integre o homem, a natureza e o universo, que proporcione uma visão clara do cenário de constante degradação do meio ambiente em que presenciamos e que nós como seres humanos temos total participação.

Freire (1997, p.25), deixa claro “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a possibilidade para sua produção ou construção.”. Apesar do tema ambiental não está tão presente no currículo do curso de Biblioteconomia, o bibliotecário quando for atuar em sua área, principalmente em bibliotecas infantis e escolares, terá a possibilidade de desenvolver projetos com práticas voltadas à educação ambiental. Freire ainda nos trás (1989, p. 13, *online.*), “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.”

Assim, a criança além de aprender com os ensinamentos da EA, também estará dialogando, opinando e construindo junto com o professor ou o bibliotecário, um novo conhecimento. Ainda neste contexto, Coelho (2000, p.15) nos afirma,

[...] a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em formação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/ livro, seja no diálogo leitor/ texto estimulado pela escola.... É ao livro à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens.

Dessa forma, dentro da biblioteca a criança pode através do poder que a leitura oferece, adquirindo um maior conhecimento por meio de diversos livros que possam utilizar do universo lúdico, uma maneira de transferir informação de qualidade ambiental, que tratem de ecologia, animais, ações e atitudes mais conscientes que poderemos tomar em nosso cotidiano.

Conforme a Lei Nº 9795/99, Art. 2º “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo... [...]”. (BRASIL, 1999, *online*). Subentende-se que no espaço da biblioteca a informação ambiental não somente é bem vinda, como também é necessária. Cabe ao bibliotecário, se atualizar às constantes mudanças ambientais, sempre buscando fontes fidedignas e obtendo os dados junto aos órgãos públicos responsáveis pelo

meio ambiente, seja de âmbito federal ou regional.

A Lei N^o 10.650, de 16 de Abril de 2003, dispõe ao acesso público os dados e informações ambientais existentes nos órgãos entidades integrantes do Sistema Nacional do Meio Ambiente. Através dela, os cidadãos poderão solicitar informações como, por exemplo, emissões de efluentes líquidos e gasosos, e produção de resíduos sólidos, o que pode lhe ajudar a se inteirar sobre a qualidade do ar e a qualidade da água de sua cidade.

Segundo Cipolat e Martins (2006, p. 181-182, *online*):

A questão ambiental deve ser tratada pelo bibliotecário como um tema de interesse de todos, uma vez que esta afeta a vida de forma global, o que torna mais fácil para esse profissional interagir com qualquer público sem haver preocupação de que o assunto abordado seja totalmente desconhecido.

Desta forma, não é necessário que somente os especialistas relacionados à Ecologia possam propagar as informações de caráter ambiental, visto que todos os seres humanos devem estar a par dos acontecimentos que envolvam o futuro do planeta. Capra (1999, *online*) nos trás “ensinar conhecimento ecológico, que é também sabedoria ancestral, será o papel mais importante da educação no próximo século.”

Portanto, o bibliotecário deve se apropriar do seu papel de disseminador do conhecimento, não necessariamente apenas focando em dados técnicos das Ciências Naturais, mas trazendo uma aproximação do usuário com o pensar, com o refletir enquanto cidadão sobre indagações como: Como estou colaborando para viver em harmonia com o meu planeta? O que podemos fazer como sociedade no presente para garantir a preservação dos recursos naturais para as futuras gerações?

8 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia do trabalho utilizada é a de natureza básica com abordagem qualitativa, por propor um estudo mais aprofundado nos sujeitos, dando uma maior ênfase na observação dos indivíduos, não buscando, portanto, dados numéricos ou quantificáveis. Quanto ao objetivo da pesquisa optou-se pelo estudo exploratório, pois este é o mais indicado para os primeiros estágios de investigação quando o pesquisador tem pouco conhecimento e propriedade sobre seu objeto de estudo.

Segundo Gil (1999) considera que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Segundo o autor, estes tipos de pesquisas são os que apresentam menor rigidez no planejamento, pois são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Quanto ao procedimento da pesquisa escolheu-se o estudo de caso, pois segundo Yin (2001):

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Segundo Godoy (1995, p.25, *online*), “O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente.”. Para a autora, o estudo de caso tem como principais formas de instrumentos de pesquisa, a observação e a entrevista. Apresentam os dados de uma maneira mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo fazer uso de imagens, colagens ou qualquer outro tipo de material que possa colaborar na explicação do caso.

No processo do desenvolvimento deste estudo, são seguidas as três fases sugeridas em Lüdke e André (1986):

1ª Fase: Aberta ou Exploratória: com o surgimento de questões ou pontos críticos iniciais que podem originar-se em exame de literatura, ou podem ser frutos de observações e depoimentos feitos por especialista sobre o problema, ou podem

surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas ligadas ao foco estudado, ou podem ser derivados de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador.

2ª Fase: Coleta de dados: em que identificados os elementos-chave e os contornos aproximados do problema, pode-se proceder a coleta sistemática de informações, utilizando-se instrumentos mais ou menos estruturados, técnicas mais variadas, sendo sua escolha determinada pelas características próprias do objeto estudado.

3ª Fase: Análise Sistemática e a Elaboração do Relatório: com a necessidade de se juntar a informação, analisá-la e torna-la disponível aos informantes para que manifestem suas reações sobre a relevância e perspicácia do que é relatado.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados envolvem dois tipos de técnicas, a entrevista e o grupo focal. Marconi e Lakatos (2003) definem a entrevista como um dos instrumentos básicos para a coleta dos dados, pois ocorre uma conversa oral entre duas pessoas, o entrevistador e o entrevistado e, conforme o tipo de entrevista o papel dos dois pode variar. Todas as entrevistas têm um objetivo, buscar informações importantes e compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas.

Martins (2008, p. 27.) conceitua entrevista da seguinte forma:

Trata-se de uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo básico é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador.

A entrevista é uma conversa oral entre duas pessoas, onde que o entrevistador formula perguntas ao entrevistado a fim de coletar informações importantes e compreender a pessoa entrevistada. Existem diversos tipos de entrevistas, que vai de acordo com o objetivo do pesquisador. Nesta pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista semiestruturada é “quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão.”. O grupo focal é um método de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade.

Morgan (1997) *apud* Gondim (2003) p. 151, *online*, define grupos focais como,

[...] grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade.

De acordo com Gondim (2003), em um grupo focal, os entrevistadores pretendem ouvir a resposta de cada sujeito participante e comparar suas respostas. A unidade de análise do grupo focal, no entanto, é o próprio grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo.

Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador, enquanto que, em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, é aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências.

9 CONTEXTO DO ESTUDO

Este estudo de caso foi realizado na Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. De acordo com as informações constadas no site da Secretária Municipal do Meio Ambiente de Porto Alegre (SMAM), a biblioteca teve sua origem em 1979, com a doação de livros para uma estante na sede da administração (prédio do moinho) do Parque Moinhos de Vento. A idealização de um espaço físico para abrigar a Biblioteca foi de Maria Angélica Tellini, agrônoma e administradora do Parque Moinhos de Vento na época.

A construção da Biblioteca foi motivo de grande mobilização popular, empresarial e institucional. O material de construção foi doado pela comunidade e diversas empresas, inclusive de outros estados. O prédio possuía 12m², foi construído em estilo europeu, no qual o projeto técnico foi realizado pela bibliotecária Carmem von Hoonholtz, CRB 10^a./473 da Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Sua inauguração foi em 09 de novembro de 1985, dia do 13^o aniversário do Parque Moinhos de Vento. Na ocasião foi distribuído o livro “Festa no Parcão”, escrito pela madrinha da Biblioteca, a escritora Maria Dinorah Luz do Prado, presente no evento. Em 05 de dezembro de 2004, a Biblioteca foi reinaugurada no prédio do moinho, após uma reforma do moinho cujo espaço físico era de 54,90m². No dia 26 de março de 2008 ela foi denominada “Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah”, através do Decreto nº 15.847 de 26 de fevereiro de 2008 e publicado no Diário Oficial de Porto Alegre em 07 de março de 2008.

Em 2015, após uma chuva que interditou o segundo andar do moinho. Através de uma vistoria, decidiu-se por retirar a biblioteca de lá e fechar o prédio todo, que precisaria passar por uma reforma e readequação da estrutura.

Atualmente ela funciona em uma pequena choupana dentro do parque, local onde ela se iniciou lá em 1985, e está subordinada à equipe de bibliotecas do Centro de Educação e Informação Ambiental (CEIA), juntamente com a Biblioteca Jornalista Roberto Eduardo Xavier, localizada na sede da SMAM. Com sua estrutura menor, contando com cerca de cinco estantes, a nova sede não comporta todo o atual acervo. Por isso, parte dos títulos foi enviada à Secretaria do Meio Ambiente, que gerencia a instituição.

Na Figura 01 é apresentado o mapa de localização da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah.

Figura 01 – Mapa de localização da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah



Fonte:<https://www.google.com.br/maps/place/Biblioteca+Ecológica+Infantil+Maria+Dinorah>.

A Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah fica localizada dentro no parque Moinhos de Vento em Porto Alegre/RS, na Rua Comendador Caminha, s/nº, seus telefones para contato são: (51) 3289-7519 e (51) 3289-7520. O horário de funcionamento é: segunda à sexta-feira das 9h às 15h.

Na figura 02, podemos ver a Biblioteca quando funcionava no prédio do moinho.

Figura 02 – A Biblioteca no antigo prédio do moinho



Fonte: https://www.yelp.com.br/biz_photos/biblioteca-ecol%C3%B3gica-infantil-maria-dinorah-porto-alegre?select=FTdyrdmxsGsDNKzhYYYswQ.

Nas figuras 03 e 04, vemos a atual sede da Biblioteca, e sua estrutura, acervo e algumas práticas com as crianças.

Figura 03 – Atual sede da Biblioteca



Fonte:http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smam/usu_img/rsz_foto_chale_-_parte_externa.jpg.

Figura 04 – A Biblioteca e sua estrutura, acervo e prática com as crianças



Fonte:<http://blogfinalfeliz.blogspot.com.br/2014/05/principais-bibliotecas-infantis-do-pais.html>.

Na figura 05, vemos a escritora gaúcha Maria Dinorah, a quem a Biblioteca homenageou com o seu nome.

Figura 05 – Maria Dinorah



Fonte: <https://peregrinacultural.files.wordpress.com/2012/02/maria-dinorah.jpg>.

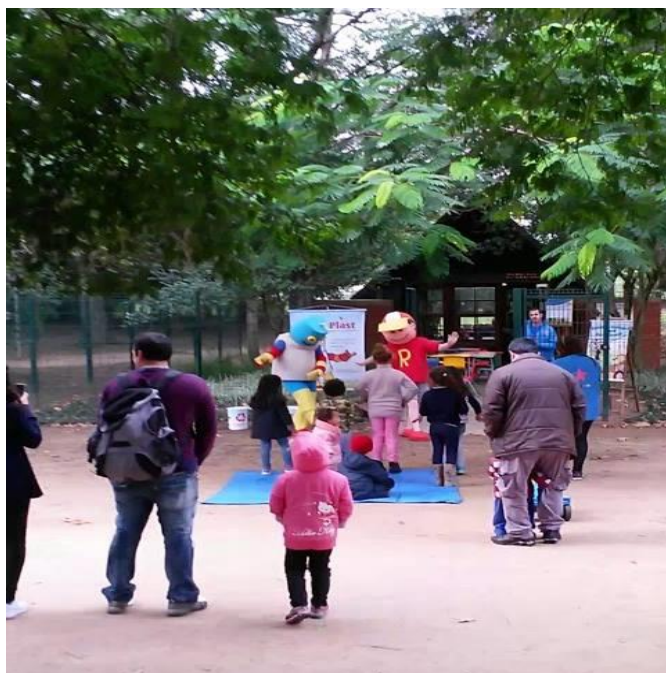
Nas figuras 06 e 07, apresento algumas imagens das crianças dentro do espaço da Biblioteca, durante as mediações da Bibliotecária e sua equipe. A figura 08, segue o folder de apresentação da Biblioteca.

Figura 06 – Exemplo de prática de EA no espaço da Biblioteca



Fonte: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smam/>.

Figura 07 – Prática de Educação Ambiental sobre reciclagem na Biblioteca



Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Biblioteca-Ecológica-Infantil-Maria-Dinorah>.

Figura 08 – Folder de apresentação da Biblioteca.

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Porto Alegre e sua Equipe de Bibliotecas convidam sua escola a conhecer e participar das atividades de seus espaços, que conciliam literatura e educação ambiental:

Localizada junto à natureza, no Parque Moinhos de Vento (Parcão), a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah está localizada em um prédio ao lado da passarela da Av. Goethe. A biblioteca, além de atender à comunidade e disponibilizar empréstimos de livros, revistas e gibis, recebe também escolas, onde realiza a oficina literária "O maravilhoso e divertido mundo da leitura na biblioteca".

Nesta oficina, as crianças são apresentadas a diferentes formatos de livros, é oportunizado manuseio deles, e são tratados temas relacionados ao Meio Ambiente e transversais. Após uma breve apresentação sobre vida e obra da patrona da biblioteca, Maria Dinorah, as crianças envolvem-se nas atividades de contação de histórias, com livros selecionados conforme a faixa etária da criança, e participa das dinâmicas proporcionadas com histórias interativas e que promovem a conscientização ambiental. A duração da oficina é de aproximadamente 30 minutos, e sujeita às condições climáticas - em caso de chuva, a visita é transferida.

O agendamento de escolas para visitas à Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah e ao Espaço Verde da Smam pode ser realizado através do e-mail: biblioteca@smam.prefpoa.com.br ou telefone: 3289-7520 com a bibliotecária Elisabete. A visita é gratuita; o deslocamento até o local é por conta da escola.

Parque Moinhos de Vento
Passarela
E.E. Uruguai
Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah
Parque Moinhos de Vento, próxima à passarela da Av. Goethe

smam
Prefeitura de Porto Alegre

Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Biblioteca-Ecol%C3%B3gica-Infantil-Maria-Dinorah>.

Na figura 09, apresento a Bibliotecária Elisabete em uma prática de EA com um grupo de crianças. Na figura 10, segue um registro meu na Biblioteca.

Figura 09 – A Bibliotecária Elisabete em uma mediação com as crianças



Fonte: Forensi, 2017.

Figura 10 – Eu com a Bibliotecária Elisabete e uma estagiária da Biblioteca



Fonte: Nunes, 2017.

10 SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos deste estudo são as crianças frequentadoras do espaço da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. A fim de coletar dados mais precisos para a pesquisa, foi realizada a técnica de grupo focal que contou com a participação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai que é localizada próxima à Biblioteca.

Estavam presentes oito alunos no momento da entrevista, sendo três meninos e cinco meninas, todos com idades entre sete e oito anos. A técnica do grupo focal envolve o total de oito sujeitos, porém na sua dinâmica são considerados o quantitativo de sujeitos que responde a cada questão formulada.

Também foi realizada entrevista com a Bibliotecária Elisabete Lorensi Ferreira, que é responsável pela Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah e, também faz parte da equipe do Centro de Educação e Informação Ambiental (CEIA) localizado na Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM).

Considerou--se necessária a entrevista com a responsável, para enriquecer as informações deste estudo e poder chegar a um resultado mais fidedigno. A bibliotecária optou pela entrevista na forma escrita.

11 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta dos dados foi realizada em uma visita, na qual foi feita uma entrevista com a Bibliotecária responsável, a qual realiza as práticas de educação ambiental e leitura junto às crianças. Também foi realizada uma entrevista com as crianças em forma de grupo focal, na qual é composta por oito perguntas, todas relacionadas à Educação Ambiental, consumismo e leitura. O roteiro com as perguntas do grupo focal se encontra no Apêndice C deste trabalho. A entrevista com a Bibliotecária foi realizada de forma escrita, por preferência da mesma, e possui seis perguntas às quais têm como finalidade conhecer a experiência como profissional, e como ela vê a educação ambiental mediada dentro do espaço da Biblioteca. O roteiro de perguntas da entrevista com a bibliotecária se encontra disponível no apêndice B deste trabalho.

11.1 Entrevista com a Bibliotecária

A seguir, apresento as perguntas realizadas na entrevista com a Bibliotecária Elisabete Lorensi Ferreira, responsável pela Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. Ela optou pela entrevista de forma escrita, as respostas da Bibliotecária foram destacadas, e logo em seguida concluo com minha análise sobre as questões propostas.

Questão 1 - Como você percebe a educação ambiental na cidade de Porto Alegre, quanto às atividades de conscientização relacionadas ao meio ambiente? Acredita que as atividades acontecem? Em quais espaços da cidade?

Bibliotecária: *Acredito que há muitas ações na cidade voltadas para a educação ambiental, especialmente as focadas para a infância. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade (SMAMS) possui um Centro de Educação Ambiental (CEIA) que articula ações de conscientização ambiental junto às escolas municipais, através de palestras e atividades lúdicas, como peças de teatro e jogos. Eu diria que elas acontecem principalmente nas escolas, onde a criança muitas vezes tem o primeiro contato com os conceitos de preservação ambiental, mas também ocorrem em outros espaços da cidade, como em praças e parques.*

Analisando a resposta da bibliotecária, concordo em partes, são sim perceptíveis às ações promovidas pela SMAM, mas justamente elas ocorrem em sua grande maioria em parceria com as escolas. É magnífico que as crianças através do ambiente escolar possam ter esse contato com a Educação ambiental aliado às bibliotecas, porém, também considero importante que as atividades de educação ambiental possam ter uma maior divulgação para toda a sociedade porto-alegrense, não enxergo essas ações ambientais serem realizadas nos pontos mais turísticos de Porto Alegre, por exemplo.

Seria muito interessante se a família tivesse a oportunidade de estar junto com as crianças nestas práticas ambientais, em atividades realizadas principalmente aos finais de semana, onde existe um grande estímulo para se frequentar os *shoppings centers* da cidade.

Existe uma programação que acontece na Semana do Meio Ambiente em Porto Alegre, com atividades como oficinas, trilhas, cursos, contação de histórias, palestras e seminários, porém, essas ações poderiam acontecer com uma maior frequência, já que a cidade possui locais como o Parque Farroupilha, Parque Germânia, o Parque Marinha, entre outros, que propiciam essa integração com a natureza.

Desta forma, Freire; Araújo nos diz que para que possa existir uma verdadeira mudança no mundo, em relação à preservação ambiental, é imprescindível a participação popular e o interesse sobre o que ocorre em sua cidade, que será estimulado através de ações ambientais que possam envolver a sociedade sobre o assunto. (1999)

Questão 2- Em sua opinião, a biblioteca também tem o papel de assumir ações com uma maior responsabilidade social relacionada ao meio ambiente? Quais serviços e atividades podem ser oferecidos?

Bibliotecária: *As bibliotecas, em especial as públicas, comunitárias e escolas, desempenham papel fundamental como agentes promotores da cidadania e conscientização social; ela serve para dar suporte a estas ações, bem como servir de mediadora. A biblioteca deve ter a preocupação de adquirir materiais que subsidiem pesquisas e ações, assim como oferecer sua estrutura para as atividades, como palestras, oficinas, saraus, exibição de filmes, etc.*

A biblioteca, seja ela pública, escolar ou comunitária, deveria sim ter uma maior participação em promover ações de cunho ecológico, pois não há como negar a responsabilidade social que elas possuem. A biblioteca infantil ou a escolar, a meu ver possuem uma responsabilidade muito maior, por estar formando um pequeno cidadão que futuramente terá uma grande parcela de ações sobre o meio ambiente.

Conforme Cipolat e Martins (2006) é interessante que as bibliotecas abordem o tema ambiental de uma maneira clara e de fácil entendimento por todos, já que o futuro do planeta e de todos os seus recursos é de interesse de todos, e depende das ações que só irão ser positivas, se forem incentivadas com informações transmitidas de forma compreensiva e descomplicada.

Questão 3 - A biblioteca em que atua propicia a mediação com as crianças sobre informação ecológica para incentivar o desenvolvimento de uma atitude de qualidade ambiental? Como ocorre essa mediação?

Bibliotecária: *Sim, a biblioteca, que pertence à Smam e está localizada dentro de um parque (Moinhos de Vento, na capital), tem como missão “Promover a consciência ecológica no público infantojuvenil, através de atividades de incentivo à leitura, de oficinas de literatura e educação ambiental”. Temos um bom acervo voltado à literatura ecológica, e recebemos grupos de estudantes para realização de oficinas literárias: os alunos são apresentados a diferentes formatos de livros, participam da hora do conto e brincadeiras com temática ecológica. As oficinas são adaptadas de acordo com a faixa etária dos alunos, pois recebemos desde o berçário até alunos dos anos finais do ensino fundamental. Muitos dos assuntos destas oficinas são utilizadas para subsidiar trabalhos realizados pelos professores em sala de aula, como extinção dos animais, questões climáticas, etc. Em conjunto com a oficina da biblioteca, os alunos também podem participar de trilha ecológica pelo Parque, realizada pelo Centro de Educação Ambiental da SMAMS. Nela, os alunos conhecem um pouco da fauna e flora do lugar, e despertam para a conscientização e cuidado com o meio ambiente.*

A Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah é um local já privilegiado por se localizar dentro de um parque, o Parque Moinhos de Vento muito frequentado na capital. Tive o prazer de participar de uma prática na Biblioteca e observar toda essa

interação com as crianças. O trabalho realizado é muito competente, é nítido perceber nas crianças a diversão e ao mesmo tempo a vontade de aprender.

No dia, pude observar a leitura de livros que tratavam sobre atitudes mais conscientes e sustentáveis no nosso dia a dia, livro de curiosidade sobre os animais, em que as crianças adivinhavam qual o animal tinha determinada característica.

No dia em que estive presente estava chuvoso e a trilha pelo parque não foi possível ser realizada, mas isso não atrapalhou em nada na mediação, através do lúdico e de elementos como livros interativos. A bibliotecária conseguiu criar um ambiente aconchegante e caloroso para as crianças presentes.

Como ressalta Freire (1997), ensinar vai muito além de transmitir o conhecimento, é poder criar a possibilidade de a criança pensar por si própria, e assim poder agir com uma maior autonomia. Dessa forma, as práticas de EA possibilitam exatamente isso, as crianças aprendem com as informações disseminadas, mas também participam junto, dispendo de liberdade para questionar e também transmitir seus pensamentos.

Questão 4- Como é percebido pela Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, os resultados de como as crianças conseguem construir novas aprendizagens e as competências como agentes para a qualidade ambiental?

Bibliotecária: *As crianças, uma vez que estão tendo um contato cada vez mais precoce às questões ambientais, já vem com uma bagagem bastante consistente em relação ao tema. Isso é percebido em todas as faixas etárias, tanto em alunos de escolas públicas quanto particulares. A biblioteca procura desta forma, reforçar conceitos apreendidos em sala de aula e na família, e aproveitar o ambiente privilegiado da biblioteca e seus recursos (principalmente visuais e sonoros), para que as crianças se sintam parte dele e se tornem cada vez mais responsáveis pelo que as cerca.*

Com a disponibilidade de fácil acesso às tecnologias e à internet, as crianças realmente já estão tendo acesso a diversos tipos de informações sobre Educação Ambiental. Hoje existem jogos, filmes, desenhos, e também livros, sejam eles físicos ou digitais, que tratam de alguma maneira sobre ecologia.

Em muitas famílias, de uma forma ou outra, acontece esse diálogo com os pequenos sobre o meio ambiente e a natureza, como hortas, consumo, animais,

entre outros assuntos. Mas também devemos ter consciência que não são todas as crianças que possuem um fácil acesso a essas informações. Isso se deve a grande taxa de pobreza, analfabetismo e também com a escassez de recursos que muitas escolas e bibliotecas estão passando, resultado da alta taxa de corrupção e desigualdade social sofrida em nosso país. Conforme Amorim (2014), o crescente desnível social e econômico global é um dos maiores responsáveis pela situação ambiental em que vivemos atualmente, nosso estilo de vida com um alto consumo, o qual é estimulado pelas grandes corporações que dominam agressivamente o mercado, está acelerando a degradação do planeta.

Em contrapartida, dentro do espaço da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah é fácil constatar que as crianças aproveitam ao máximo o espaço e os recursos disponibilizados. Foi possível perceber isso na forma em que eles se comportavam, todos em silêncio e muito atentos à mediação da bibliotecária Elisabete e sua equipe. Além disso, existe uma parceria entre a biblioteca e a escola, e muitos alunos já visitaram o espaço anteriormente, mas isso não diminuiu a empolgação e participação que eles tiveram.

Os resultados obtidos das mediações realizadas na biblioteca se refletem também, através da capacidade de absorver as informações que as crianças possuem. Elas já possuem sua própria bagagem de conhecimento que trazem de suas vivências da família, escola e amigos, e quando chegam à biblioteca elas não chegam vazias, elas recebem as informações sobre EA e também falam sobre o que sabem do assunto.

Neste ambiente caloroso, preparado com todo carinho pela equipe da biblioteca é propiciado um espaço para a troca de informações, de experiências e de interação entre as crianças. Dessa forma, as crianças são inseridas em um contexto sobre Educação Ambiental e conscientização ecológica, porém, também é um local convidativo aonde elas aprendem se divertindo, possibilitando dessa maneira, a construção de novos aprendizados a cada visita à biblioteca.

Questão 5- Como você avalia a atuação do bibliotecário nas questões relacionadas à Educação Ambiental? Você considera importante o bibliotecário estar envolvido nessas práticas de conscientização ecológica? Por quê?

Bibliotecária: *Todos devem se envolver de alguma forma nas questões relacionadas à Educação Ambiental; o bibliotecário possui responsabilidade como intermediário entre a informação disponibilizada e seu público; como o profissional atua de forma interdisciplinar em diferentes áreas, é importante buscar formação extra a fim de ter maior compreensão de assuntos com os quais possui pouca familiarização. No seu dia a dia, deve adotar práticas que sejam amigas do meio ambiente, através de otimização de recursos e campanhas em seu ambiente de trabalho que chamem a atenção para as questões ambientais.*

O bibliotecário como disseminador da informação deve estar envolvido com a temática ambiental. Concordo com a bibliotecária sobre buscar formação extra, pois existem diversos cursos gratuitos que podem possibilitar o profissional ter uma maior compreensão sobre vários assuntos que não estão diretamente relacionados à área em que atua. Não vejo razão, para o bibliotecário não trabalhar com a mediação ou o tratamento da informação na área da Ecologia e Educação Ambiental, tendo em vista que também é um cidadão, com direitos e deveres.

Seria enriquecedor para a formação do bibliotecário, a existência de uma disciplina dentro do currículo do curso que abordasse sobre Educação Ambiental e também sobre Sustentabilidade. Em paralelo, é interessante se pensar também, em uma parceria com profissionais de outras áreas, como professores da Ecologia ou Biologia, para trabalharem em conjunto com ações de EA com as crianças, e se for possível também voltado ao público adulto. De acordo com Jacobi, “a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social.” (JACOBI, 2003, p. 196, *online*) Por isso, o bibliotecário deve assumir seu papel frente a essa demanda de informação que cada vez mais se torna essencial.

Questão 6 - Como a biblioteca pode influenciar na formação de futuros cidadãos com responsabilidade social e ações mais sustentáveis para o equilíbrio do meio ambiente?

Bibliotecária: *Através de um acervo de qualidade e acessível a todos os públicos, atividades de conscientização para uma vida mais sustentável, adotar práticas no ambiente de trabalho que priorizem o cuidado com o meio ambiente.*

A biblioteca tem um papel primordial na formação de cidadãos, no caso da

Biblioteca Maria Dinorah os usuários são crianças ainda em formação. Um acervo de qualidade e acessível é sim muito importante, e as práticas aplicadas de forma a transmitir uma mensagem ecológica também, porém, tão importante quanto tudo isso, são as pessoas que estão à frente da biblioteca.

O bibliotecário além de ser competente e responsável, deve transmitir calor humano a todos os usuários que adentrem o espaço da biblioteca, fazendo ele se sentir à vontade, se sentir com desejo de retornar. Conforme Leff (2002), através do saber ambiental, que já estará incorporado à biblioteca e servirá como guia nos projetos e práticas, será possível o desenvolvimento e a promoção de ações de educação ambiental e a conscientização de seus conteúdos.

Na vida de muitas crianças, a biblioteca é o único modelo de referência no incentivo à leitura e na busca pela informação. Neste caso, ela irá agir como um referencial na mediação da informação ambiental, proporcionando momentos de grande aprendizado, através de muita leitura e brincadeiras lúdicas que estimulem na criança, através da imaginação e do encantamento, um pensamento voltado à sustentabilidade e ao cuidado com o meio ambiente.

Para que isso possa acontecer, a bibliotecária e sua equipe devem criar um espaço com uma boa energia, onde o atendimento seja cordial e caloroso, e a biblioteca deve ser um ambiente agradável, onde a criança se sinta realmente acolhida e tenha sempre desejo de retornar.

11.2 Aplicação do Grupo Focal

A seguir, apresentarei as questões realizadas para o grupo composto por oito crianças, e as respostas dos alunos que foram transcritas com fidelidade à oralidade utilizada pelos sujeitos, logo após a cada resposta seguirá minha análise feita sobre cada pergunta proposta.

Questão 1: Na opinião de vocês, como nós podemos fazer para cuidar melhor do meio ambiente? Quais atitudes podemos tomar?

Sujeito 1: *Não jogar lixo no chão porque os animais podem pensar que é comida e depois ficarem doentes.*

Sujeito 2: *Não jogar lixo no chão porque pode prejudicar muito a natureza.*

Sujeito 3: *Não jogar objetos nos rios porque o animal pensa que é comida e pode se machucar, tem gente que joga copo no rio aí os animais comem.*

Sujeito 4: *Tem gente que joga sacos plásticos e os animais ficam presos.*

Analisando as respostas das crianças é perceptível que elas possuem sim um entendimento, ainda que não muito desenvolvido, sobre como nós podemos preservar e cuidar do planeta. Eles absorveram muito bem sobre os ensinamentos passados na prática que assisti antes do grupo focal, em que a bibliotecária frisou sobre o cuidado de não jogar resíduos nos rios e mares. Achei muito curioso, pois eles demonstraram um sentimento de muita preocupação pelos animais que podem comer os resíduos tóxicos lançados na água, ou ficarem presos neles. Essas reações transmitidas por eles, somente reforça a importância da mediação das práticas de Educação Ambiental e sua continuação.

Ressalto ainda o que Freire (1987) nos passa, que a verdadeira importância do conhecimento é entender o mundo a partir da plenitude da vida humana, superando assim a fragmentação da realidade. Esse conhecimento só será construído através da comunicação entre os sujeitos sobre um determinado tema, no caso a Educação Ambiental. Para Freire, todo ser humano já possui uma bagagem de experiências, e ao ouvir as crianças foi possível constatar pelas suas falas curtas e sinceras, que elas não são como copos vazios, cada criança é um ser único em formação, que trás consigo diferentes vivências cotidianas do seu meio sociocultural.

Questão 2: Vocês costumam visitar parques e praças com sua família? Vocês preferem ir a *Shoppings Centers* ou praças?

Sujeito 1: *Sabe eu gosto de caminhar nos parques e nas pracinhas...*

Sujeito 2: *Eu gosto mais de ficar na praça porque senão a minha mãe inventa de ir no shopping e comprar maquiagem, comprar sapato, etc...*

Sujeito 3: *Lá eu não consigo respirar...*

Sujeito 4: *Eu não gosto de ir no shopping porque depois inventam de comprar um monte coisas.*

Sujeito 5: *Minha mãe prefere que eu vá na praça porque ela sabe que no shopping eu peço um monte de coisas... e para mim o shopping é bom porque lá tem brinquedo eletrônico.*

Sujeito 6: *Eu não gosto de ir em shopping porque minha mãe sempre quer ver as vitrines.*

Nessa questão da entrevista, confesso que fui surpreendida pelas respostas francas e espontâneas das crianças. Imaginava que eles iriam preferir em sua maioria frequentar shoppings centers, visto que nas grandes cidades é muito mais estimulado este tipo de lazer. Podemos ver nas respostas, que apenas uma menina, respondeu gostar de ir aos *shoppings centers*, devido ao consumo de *fast foods* e brinquedos eletrônicos.

Um dos meninos participantes trouxe à tona a questão do ambiente fechado e sua dificuldade de “respirar”, nos levando a refletir sobre a pouca exposição ao ar natural que vivenciamos nas cidades metropolitanas, já que uma grande parcela da população de Porto Alegre reside em apartamentos sem sacadas, utilizam carro ou ônibus para se locomover até o trabalho ou escola.

Levou-me a pensar sobre o quanto vivemos presos e isolados dentro de nossos lares, fazendo um comparativo, é como se vivêssemos em caixas, saímos de uma caixa, entramos em outra caixa e nos destinamos a outra, e assim também ocorre no retorno à nossa casa. Nós pouco nos movimentamos ao ar livre e obtemos muito pouca exposição ao sol, o pouco tempo que nos sobra nos finais de semana, ficamos vítimas do medo da insegurança presente nas ruas, devido à alta taxa de criminalidade atual de nossa cidade.

Outra questão trazida por eles é sobre a forma consumista em que vivemos, me fez refletir sobre o quanto somos abordados pelas ofertas, sejam nas ruas, estabelecimentos comerciais ou pelas mídias. Um exemplo disso é o *Black Friday*, um dia da semana (que estrategicamente se inicia uma semana antes) dedicado às grandes liquidações, e que geralmente não temos nenhuma necessidade real daquele produto, porém, somos demasiadamente seduzidos por essas ofertas às quais acreditamos serem “únicas”.

Seguindo este pensamento, podemos refletir o que Capra (1999, *online*) nos trás “ensinar conhecimento ecológico, que é também sabedoria ancestral, será o papel mais importante da educação no próximo século.”

Devemos desde agora, inserir a criança ao meio ambiente, mostrando-a a importância de cuidar, respeitar e amar a natureza, a fazendo enxergá-la como um ser vivo e interligado a nós seres humanos, conforme nos mostra a teoria Ecocentrista.

Questão 3 - Vocês costumam buscar informações sobre esse tema em alguma biblioteca?

Sujeito 1: *Eu busco, até já peguei 2 livros.*

Sujeito 2: *Eu já peguei um livro de animais que era um dentro do outro, quando encosta nos animais pode tocar a pele.*

Sujeito 3: *Eu sempre quero pegar.*

Sujeito 4: *Nós vamos todas as Terças-feiras na biblioteca, antes eram nas Quintas.*

É perceptível nas respostas das crianças, que o interesse pela temática ambiental existe, e isso deve ser estimulado através da escola e se possível juntamente com uma parceria com a biblioteca. Infelizmente muitas escolas não possuem biblioteca ou a biblioteca se encontra em situação muito precária. Neste estudo, felizmente a escola conta com uma biblioteca, e isso se mostrou muito importante no interesse das crianças pelo tema, pois elas afirmam que sempre estão procurando livros novos para ler.

Não há como negar que a leitura possibilita um amplo conhecimento na temática ecológica para elas, Freire (1989, p. 13, *online*.) já dizia “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.”. Ou seja, por intermédio da leitura, as crianças adquirem um conhecimento para a vida, tendo uma percepção do mundo à sua volta, observando, por exemplo, a poluição de sua cidade. Quando isso lhe é oportunizado, ela terá mais chance de se tornar um cidadão mais consciente de suas atitudes para com o meio ambiente.

Questão 4: Vocês buscam auxílio ou informação com a bibliotecária em sua escola?

Sujeito 1: *A gente vai sozinho porque na escola é seguro.*

Sujeito 2: *A gente pergunta se tem um livro novo.*

Sujeito 3: *Tipo a gente viu que é um livro diferente, que nunca teve lá na biblioteca aí a gente pergunta se é novo.*

Sujeito 4: *A gente pergunta se tem livros de animais, de séries, aí ela mostra.*

Sujeito 5: *A gente pergunta quais que a gente pode pegar porque tem uns que não é para a nossa idade, tem de terror também.*

Nesta pergunta, percebi uma autonomia dos alunos nas idas à biblioteca, descobri também, que a pessoa responsável pela biblioteca não possui graduação em Biblioteconomia, lamentavelmente. Mas isso não é exclusividade da escola, devido a nossa má gestão do governo do estado, várias escolas não possuem um profissional bibliotecário graduado, já que raramente é aberto um edital para concurso público na área no Rio Grande do Sul.

Todavia, isso não interferiu no interesse que os alunos demonstraram pelas visitas ao espaço da biblioteca na escola, pois frequentemente eles vão em busca de novos livros, e pela capa sabiam até os livros que já haviam lido. Essa autonomia de ir e vir à biblioteca é algo que também foi construído por eles, não aconteceu de uma hora para outra, se consolidou através de vários estímulos à leitura, incentivados pelos professores, pela biblioteca ou até mesmo pela família. (Freire, 1997).

Questão 5 - Já realizaram algum tipo de pesquisa escolar ou trabalho sobre o tema? Comentem sobre.

Sujeito 1: *A gente já escreveu uma história.*

Sujeito 2: *A gente já apresentou trabalho sobre os cuidados do meio ambiente.*

Sujeito 3: *A gente já plantou alface, e fizemos uma horta, também já achamos minhocas.*

Sujeito 4: *A professora nos deu um livro sobre animais, aí a gente formava duplas que a professora escolhia, e daí agente fazia o trabalho.*

Sujeito 5: *Sim, tinha sobre os peixes no livro também.*

Sujeito 6: *Já fizemos trabalho que tinha caça palavras, cruzadinhas, de pintar sobre natureza.*

Sujeito 7: *A gente aprendeu que os golfinhos são inteligentes. Eu não sabia o que era tainha, agora sei que é um peixe.*

Sujeito 8: *Horta é legal porque em vez de comprar e gastar dinheiro, a gente pode plantar.*

Nesta questão, confesso que fiquei surpresa e emocionada com as respostas, não imaginava tamanho conhecimento em crianças com tão pouca idade e experiência de vida. Conversando com a professora responsável pela turma, antes da entrevista realizada, foi-me dito que os alunos realizavam vários trabalhos e práticas com a temática ambiental, inclusive descobri que existe uma pequena horta na escola.

Apesar de a leitura possuir uma grande influência sobre as crianças, não se pode desconsiderar a massiva influência tecnológica que esta geração possui. Isto é perceptível, nas ágeis respostas dadas por elas, como por exemplo, a do Sujeito 8 que mesmo sem experiência no assunto, já possui uma percepção mesmo que infantil, sobre os benefícios do plantio autônomo e a economia gerada.

O Sujeito 7 em sua resposta, revelou que teve um novo aprendizado lendo livro sobre os animais, descobriu que a tainha era uma espécie de peixe. A forma espontânea e animada com que relatou, só confirmou o quão é enriquecedor quando dentro da sala de aula em parceria com a biblioteca é trabalhado a temática ambiental com as crianças, pois elas absorvem esta informação que foi transmitida pelo professor ou pelos livros, esta informação é decodificada, cotejada, depois compreendida, assim gerando conhecimento.

Reconhecendo esse valor que o conhecimento gera, Boff (2004, p. 29) nos afirma,

Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade. Conhecer é entrar em comunhão com as coisas. [...] Temos uma nova percepção da Terra, como uma imensa comunidade da qual somos membros. Membros responsáveis para que todos os demais membros e fatores, desde o equilíbrio energético dos solos e dos ares, passando pelos microrganismos até chegar às raças e a cada pessoa individual, possam nela conviver em harmonia e paz.

Isso apenas comprova o quão é importante essa vivência deles com o tema, pois os próprios alunos se mostraram sensibilizados pela natureza e pelos animais,

onde pude perceber através das suas reações de entusiasmo e curiosidade pelo assunto discutido.

Questão 6: Vocês gostaram da prática que vivenciaram hoje? A biblioteca ecológica infantil Maria Dinorah contribuiu para uma educação ambiental na vida de vocês? O que aprenderam hoje?

Sujeito 1: *É a primeira vez que eu vim aqui, eu gostei.*

Sujeito 2: *Achei muito divertido, a gente já fez grupinhos para um jogo de acertar qual era o animal certo.*

Sujeito 3: *Já jogamos tipo um bingo de animais.*

Sujeito 4: *Tem memórias engraçadas, divertidas, a gente aprende bastante.*

Sujeito 5: *A gente aprende sobre animais, quanto ele pode comer, quanto ele tem de peso. E também qual animal mais rápido do mundo.*

Sujeito 6: *O animal que bate a asa mais rápido é o beija-flor.*

Sujeito 7: *Verdade, e ele beija bastante as flores.*

Nesta questão em que se encaminhava para o final da entrevista, quis verificar com os sujeitos se a visita à Biblioteca havia sido significativa em relação ao aprendizado obtido, analisando através de suas falas entusiasmadas e de seus olhares atentos, se eles realmente haviam gostado do que vivenciaram.

Percebi um grande entusiasmo deles ao relatar o que haviam aprendido na visita, principalmente sobre os animais, onde notei um interesse geral do grupo.

Segundo Moro e Estabel: “Quando a escola incentiva a leitura, a ação do professor e do bibliotecário se desenvolve com atividades que formam leitores críticos e reflexivos.”. (2011, p. 80, *online*). E é justamente essa conexão que pude observar entre a professora, os alunos e a biblioteca. Devido à escola já possuir uma parceria com a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, a professora costuma levar os alunos com muita frequência para participarem das atividades ambientais, o que é uma boa alternativa para as escolas da cidade aproveitar este espaço que se encontra dentro do Parque Moinhos de Vento, o que já acaba trazendo as crianças para fora da sala de aula, fazendo elas vivenciar a natureza e aprender sobre atitudes ambientais.

A professora também relatou trabalhar com muita assiduidade a temática ecológica com a turma, através de trabalhos em sala de aula como caça-palavras,

contação de histórias, gincanas, pinturas, e também com atividades fora da sala de aula.

Conforme Moro e Estabel (2011, p.80, *online*),

A leitura crítica se reveste no ato de compreensão e de conhecimento, propicia a relação entre o leitor, o texto e o autor. O leitor, aqui considerado sujeito, executa atividades de constatação, de cotejo, de transformação, pela leitura, que possibilitam a reflexão, a crítica, a participação e o posicionamento em que se vivencia o pleno exercício de cidadania e de inclusão de todos.

Concordo com o que as autoras trazem, pois acredito que desde a primeira infância, o indivíduo deve ser estimulado a praticar o exercício da leitura, a qual seja adequada a cada fase de seu desenvolvimento cognitivo e motoro.

Foi possível notar nas respostas entusiasmadas das crianças, que elas conseguiram absorver de forma positiva o conteúdo transmitido na prática. Uma das leituras realizadas, foi de um livro que falava sobre as características dos animais e eles tinham que adivinhar o animal correto, todos estavam muito concentrados e participativos. Nas respostas da entrevista, o grupo trouxe suas reflexões do que ficou registrado em suas memórias, por exemplo, o Sujeito 6 que de forma muito espontânea trouxe a informação sobre o animal que bate a asa mais rápido ser o beija-flor.

Questão 7: Se vocês precisassem sugerir leitura de livros ou histórias infantis que tratem sobre o tema quais vocês iriam indicar aos amigos?

Sujeito 1: *Eu tenho um gibi da Turma da Mônica que fala sobre o meio ambiente, eu indicaria.*

Sujeito 2: *Eu já li também um gibi, ele era como se fosse uma revista.*

Sujeito 3: *Eu li um livro sobre um sapo, ele abria a boca e tinha uma língua bem grande, e tipo tava cheio de moscas dentro.*

Sujeito 4: *Ahh, eu sei qual é... é o Sapo Bocarrão.*

Sujeito 5: *Eu já li um que era sobre a fome do lobo.*

Sujeito 6: *Eu sei esse... ele queria comer vários animais mas ele nunca conseguia.*

Sujeito 7: *A gente viu uma história do livro Galo, galo, não me calo, era muito show.*

Já se encaminhando para o final da entrevista, as crianças já estavam muito à vontade e falantes, uns eram mais extrovertidos e outros mais tímidos, mas no final todos conseguiram participar do grupo focal. Nesta questão, não esperava tamanha contribuição dos sujeitos, pois imaginava que talvez não recordassem os nomes dos livros ou histórias que leram. Eles trouxeram exemplos de gibis da Turma da Mônica, que fala sobre o meio ambiente, que é o caso do Sujeito 1.

As crianças também trouxeram nomes de títulos de livros infantis que falam sobre os animais, aonde percebi ao longo de toda a entrevista, um especial interesse dos sujeitos. O Sujeito 8, trouxe a indicação de um livro cujo o título é “Galo, galo, não me calo”, despertou-me o interesse sobre a obra e acabei pesquisando sobre a história, a qual trata diretamente sobre a temática ecológica.

A autora Sylvia Orthof, nos mostra a cidade grande com seus carros, buzinas, fumaça, prédios, lixo, entre outros, expulsando a natureza para longe de si.

O personagem galo narrado na história seria a representação da natureza, pois, foi oprimido e reprimido pelos moradores dos grandes e luxuosos prédios da cidade grande que não queriam ser acordados pelo galo cantando. Ele acabou sendo obrigado a ficar trancado numa gaiola tapada com um pano, pois assim não veria o sol nascer e não cantaria acordando a todos. Felizmente, a história teve um belo final, pois, sua dona chamada Fanci casou-se e se mudou para uma fazenda, onde levou seu galo de estimação junto, e lá ele voltou a ser livre e nunca mais se calou.

Analisando a história, achei uma forma muito lúdica e construtiva de mostrar às crianças outro olhar sobre as grandes cidades e, como é benéfico o contato direto com a natureza, a qual a autora associa à liberdade tanto física, como também de expressão.

Neste contexto, Coelho (2000, p.15) nos afirma,

[...] a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em formação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/ livro, seja no diálogo leitor/ texto estimulado pela escola.... É ao livro à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens.

Todavia, muitas crianças não possuem esse contato com os livros dentro do espaço familiar, isso pode ocorrer por diversos fatores, entre eles, a ausência afetiva

dos pais, pais que precisam trabalhar em excesso e acabam não dispondo de tempo para um momento de leitura com seu filho, momento esse que pode ser tão prazeroso e enriquecedor para o laço familiar.

Existe também outro fator que influencia diretamente na falta de incentivo à leitura dentro de casa, que seria o baixo grau de instrução dos familiares, ou até mesmo o analfabetismo. Neste caso, posso me citar como exemplo, pois meus pais além de não terem conseguido concluir o Ensino Fundamental, também não tiveram com os seus pais o estímulo pela leitura na família.

A falta da leitura no seio familiar pode tornar-se, por consequência cíclica perdurando por gerações, ciclo no qual o bibliotecário tem como missão romper, de forma a despertar a curiosidade e a paixão pela leitura, para que esse leitor em potencial possa vir a se tornar um leitor real, e descobrir na leitura uma atividade de prazer e lazer.

Questão 8: Vocês acham legal a biblioteca ser um espaço que estimule uma educação ambiental? Por quê?

Sujeito 1: *Acho muito legal, porque a gente pode aprender mais a ler, aprender sobre os animais, sobre o meio ambiente, sobre bastante coisas.*

Sujeito 2: *Tem gente que escreve livro sobre isso, e a gente aprende bastante só lendo o livro.*

Sujeito 3: *la ser legal se a biblioteca tivesse mais jogos, tipo de adivinhar o nome dos animais, das árvores.*

Sujeito 4: *Eu gosto de conhecer a biblioteca.*

Sujeito 5: *Eu queria mais jogos de animais, e mais tempo para ler os livros.*

Sujeito 6: *Eu gosto mais daqui do que de ir no shopping, só gosto do shopping por causa do Mac lanche.*

Sujeito 7: *Eu ainda não entrei lá dentro, quero entrar na biblioteca e ver os enfeites do dia das bruxas.*

Aqui, chego ao final da entrevista com o grupo, e faço a pergunta talvez mais crucial deste estudo, e sou surpreendida por respostas imediatas com sugestões, elogios e até mesmo preferências.

O Sujeito 1, fala sobre o quanto pode aprender sobre o meio ambiente e também sobre os animais, dentro do espaço da biblioteca especializada na Educação Ambiental. Os Sujeitos 3 e 5, dão enfoque aos animais ao dar sugestões para que a biblioteca traga mais jogos com esta temática. Os Sujeitos 5 e 7, pedem por mais tempo no ambiente da Biblioteca, constatando dessa forma, a relevância de um local tão acolhedor como é a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah.

O Sujeito 6, retoma a questão sobre as frequentes visitas aos *shoppings centers* realizadas pelas famílias, falando com muita espontaneidade que prefere estar no espaço da Biblioteca do que no *shopping*, no qual só gosta de ir para lanchar nos *fast foods*. O que nos traz novamente ao contexto do consumismo, pois não há como falar em EA sem pensar no que poder ser sustentável ou não para o planeta. A alimentação em *fast foods*, muito cultuada nesta geração, produz uma grande quantidade de lixo desnecessária, além de acarretar muitos danos à saúde humana.

Muitas vezes, os *Shoppings Centers* são a única alternativa possível de lazer, podemos dizer que nos finais de semana, onde os pais e filhos possuem um tempo maior de convívio, isso ocorre com maior frequência. Na cidade de Porto Alegre, a maioria das bibliotecas fecha suas portas nos finais de semana, inclusive a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah que abre em Sábados esporádicos. Isso nos faz refletir sobre a intensa frequência constatada nos *Shoppings*, onde os pais e filhos estão em busca de lazer e, muitas vezes acabam adentrando os espaços das livrarias que possuem uma maior flexibilidade em seus horários. Constatando isso, Lima (2015, *online*), afirma,

A educação não define o que é o não é desejo ou necessidade, mas orienta e mostra caminhos. A escolha deve apenas a sociedade, sem a orientação, não existe opção, nega-se a sociedade o direito de se esclarecer, entregando-a aos seus meros desejos.

O bibliotecário em seu papel socializador e também educador, pode contribuir de forma muito eficaz na disseminação da informação ambiental na sociedade.

No caso da Biblioteca Maria Dinorah, este trabalho está sendo desenvolvido já na infância, onde as crianças recebem uma orientação referente a um consumo mais consciente e sustentável. Desta forma, de gota a gota, poderemos trabalhar efetivamente por perspectivas futuras melhores para a preservação do planeta.

Completando este pensamento de forma exemplar, Freire (2000, *online*, p.31) afirma,

[...] Urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.

A educação ambiental é um reflexo da necessidade de preservar tudo aquilo que ainda não foi destruído pelo ser humano, e somente por uma orientação esclarecedora e libertadora essa mudança pode ocorrer.

Ademais, o profissional bibliotecário tem o dever de assumir esse papel na sociedade, o de educador e, tornar disponível e acessível a todos sem nenhuma distinção, uma informação ambiental legítima e precisa. Este trabalho desenvolvido já na infância pelo bibliotecário é uma ferramenta valiosa e fundamental na formação de uma nova sociedade futura, pois possibilita a construção de um novo estilo de vida, onde os cidadãos possam ter um pensamento mais centrado no todo, e não em seu próprio umbigo.

12 RESULTADOS DO ESTUDO

Este estudo tem por objetivo verificar qual a contribuição do bibliotecário como mediador da informação ecológica no desenvolvimento de um comportamento ambiental em crianças que frequentam a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. Com base no referencial teórico apresentado, com um breve contexto histórico da biblioteca, com o grupo focal realizado com os sujeitos e a entrevista com a bibliotecária, foi possível alcançar os objetivos elaborados que são:

a) Observar a mediação da informação ecológica no espaço da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah:

A entrevista feita com a bibliotecária e a visita realizada na Biblioteca para a coleta dos dados apresenta de forma concisa todas as atividades e ações que a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah utiliza nas mediações de Educação Ambiental. A Biblioteca tem como missão principal incentivar a consciência ecológica no público infanto-juvenil, para isso fazem uso de atividades que incentivam a leitura, como por exemplo, a prática de oficinas de literatura, saraus poéticos, hora do conto, brincadeiras com temática ecológica, além de realizarem uma trilha com as crianças pelas imediações da biblioteca que fica localizada dentro do Parque Moinhos de Vento.

A indicação de livros também é feita, dependendo da faixa etária das crianças que visitam o espaço, que são desde o maternal/berçário até alunos dos anos finais do ensino fundamental. A biblioteca conta com um acervo de mais de 2.000 livros, de educação ambiental, didáticos, jogos pedagógicos e uma coletânea de gibis, disponíveis para consulta e empréstimo. A mediação que ocorre na biblioteca é utilizada como contribuição nos trabalhos realizados pelos professores em sala de aula, com assuntos que envolvam a temática animal e também a prática de ações sustentáveis.

Durante todo o ano ocorrem práticas de EA, em datas que a biblioteca denomina comemorativas, como a Semana de Porto Alegre, Semana do Livro, Semana do Meio Ambiente, Semana da Primavera, Semana da Criança e Semana Nacional da Biblioteca e, em novembro, é comemorado o aniversário da Biblioteca, em conjunto com o aniversário do Parque Moinhos de Vento.

Desta forma, podemos perceber pelas atividades realizadas no espaço da biblioteca, o quão enriquecedor é todo este aprendizado para as crianças, onde lhes é proporcionado uma mediação excelente sobre a temática ambiental, onde a biblioteca propicia um ambiente muito receptivo pela sua equipe, um espaço com uma decoração lúdica, e localizado dentro de um parque, no qual as crianças poderão ter um contato direto com a natureza de sua cidade.

b) Analisar o comportamento e a percepção das crianças durante as atividades de interação com a temática ambiental realizadas no espaço da Biblioteca:

Através das perguntas feitas aos oito alunos do 2º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai que participaram do grupo focal, foi possível observar e analisar que a mediação da Educação Ambiental realizada pela Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, contribui satisfatoriamente para o desenvolvimento de atitudes e pensamentos ecológicos nas crianças que frequentam seu espaço.

Por meio dos dados analisados, o grupo focal feito com os alunos mostrou que as visitas realizadas na biblioteca junto com a professora da escola, possuem uma boa receptividade por eles. As crianças demonstravam muita curiosidade pelas leituras e também pelas gincanas realizadas pela bibliotecária e sua equipe. Eles estavam muito participativos, fazendo perguntas quando tinham dúvidas a respeito das informações passadas e também fazendo muitas sugestões.

No grupo focal, foi possível que eu tivesse uma melhor interação com as crianças, e dessa maneira podemos perceber pelas respostas dadas, que elas conseguiram absorver as informações ambientais transmitidas na atividade mediada. As crianças demonstraram que apesar da pouca idade, elas conseguem ter um bom entendimento sobre práticas ecológicas e sustentáveis, inclusive fizeram indicações de títulos de livros com temática ecológica que indicariam para amigos, falaram sobre a importância do ato de plantar, e também deram sugestões sobre outras atividades que gostariam que a biblioteca acrescentasse em sua programação.

Cabe aqui relatar, que todos os sujeitos que fizeram parte do grupo focal apesar da timidez inicial, estavam muito participativos e inclusive queriam continuar

a entrevista após o término das perguntas. Isso ficou muito claro para mim, que pude olhar dentro de seus olhinhos e ver o brilho do entusiasmo que eles estavam sentindo ao poder falar sobre a natureza, os animais e sobre o consumo.

Alguns falavam um pouquinho mais, mas pude ouvir todas as respostas com muito carinho e atenção. Eu percebi, em suas vozes que vibravam e em seus rostinhos, que eles estavam se sentindo muito importantes em estar participando da entrevista. Essas crianças tiveram a oportunidade propiciada pela Escola e pela Biblioteca, de poder trocar o espaço de um *Shopping Center* ou até mesmo de sair da frente do computador de suas casas, e adentrar a uma biblioteca pequenina, porém, muito valiosa.

Lá dentro, eles tiveram contato com a equipe, com os livros e também com o verde em volta do parque, no qual pude observar os passarinhos que vinham pousar próximo à entrada da Biblioteca, que era o local onde as crianças estavam recebendo a mediação.

c) Avaliar o papel exercido pelo bibliotecário na mediação da informação ecológica para a formação de cidadãos com educação e ações sustentáveis para o equilíbrio do meio ambiente:

Foi possível perceber através dos dados analisados a partir da entrevista com a bibliotecária e com o grupo focal, que existe uma preocupação da bibliotecária em realizar as práticas ambientais de forma com que as crianças consigam absorver e compreender as informações recebidas, para isso ela utiliza o lúdico através das brincadeiras, jogos, livros interativos, decorações que possam atrair e captar a atenção e o interesse dos usuários.

Através da observação da prática e das respostas obtidas na entrevista com o grupo focal, é possível perceber que existe uma influência positiva exercida pela biblioteca, na transmissão do conhecimento de caráter ecológico para as crianças que ali frequentam.

Na entrevista com a bibliotecária, ela deixa claro seu posicionamento sobre o papel do bibliotecário na responsabilidade como intermediário entre a informação disponibilizada e seu público, concordando que o profissional deve atuar de forma interdisciplinar e sempre estar se aperfeiçoando, principalmente quando não dominar o assunto na área em que está trabalhando.

Dessa forma, ficou perceptível pelos dados obtidos, que o bibliotecário deve ocupar seu espaço independente do assunto que a biblioteca abordar, sabe-se que muitas bibliotecas não possuem o profissional bibliotecário graduado trabalhando em suas mediações, que felizmente, não é o caso da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, que tem como responsável pela equipe a Bibliotecária Elisabete Forensi Ferreira. Assim, podemos avaliar o quão é essencial que o bibliotecário esteja se apropriando de seu espaço, e como a profissão permite abranger várias áreas das Ciências da Informação, como a informação ambiental por exemplo.

O bibliotecário possui o poder da informação em suas mãos, ele é capacitado para organizar, disponibilizar e também mediar todo esse conhecimento que é produzido seja pela área científica, pelas mídias ou redes sociais.

Há também muita desinformação e manipulação dos fatos, isso varia de acordo com os interesses de quem detém o poder. Frente a isso, o bibliotecário deve agir com ética, justiça e sempre optar pela verdade, para disponibilizar uma informação correta e coesa. Isso pode ocorrer, por exemplo, nos casos de desastres ambientais, em que os dados são omitidos e distorcidos em várias fontes de notícias, neste caso, o bibliotecário deve sempre pesquisar em fontes confiáveis, nas quais a informação não esteja direcionada para satisfazer interesses econômicos ou políticos.

Somente dessa forma, as crianças irão ter a oportunidade de ter acesso à uma informação transparente, que seja imparcial, para que elas possam pensar com autonomia e clareza, e construir seu conhecimento a partir de referências fidedignas, tornando-se cidadãos mais justos, questionadores e conscientes.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de mediação da informação é uma ferramenta valiosa nas mãos do bibliotecário, pois, vivemos em um mundo onde a leitura está cada vez menos presente na vida das crianças e dentro dos lares, e muitas vezes é somente dentro da biblioteca que a criança possui um contato mais íntimo e prazeroso com a leitura.

Uma vez que a criança adentra o espaço da biblioteca, é necessário que ela continue a ser instigada a retornar, isso só será possível se ela se sentir bem recebida e acolhida neste ambiente. É neste momento, que o bibliotecário deve agir de forma a cativar este usuário criança, interagindo com ele, podendo usar artifícios lúdicos e divertidos como a hora do conto, teatro de bonecos, saraus poéticos, dentro outros. Isso foi verificado dentro do espaço da Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, na qual a bibliotecária propicia um ambiente convidativo e aconchegante para as crianças que ali adentram. A Biblioteca apesar de ser pequena, possui um acervo muito interessante, no qual a bibliotecária explora com os alunos, vários tipos de leituras, como livros em relevo e livros interativos com perguntas sobre os animais e práticas de educação ambiental para as crianças pensarem e responderem.

Na mediação, ela instiga a curiosidade das crianças de forma com que todas possam participar das atividades, na prática a qual presenciei, as crianças tiravam algumas dúvidas e também contribuía muito com suas observações. Alguns alunos já haviam participado de outras atividades, e recordavam de alguma informação que já haviam aprendido, eles levantavam a mão e respondiam, nisso, constatei que com essas atividades ambientais, as crianças conseguiram absorver este aprendizado e levar para as suas vidas.

Em tempos de tecnologia e redes sociais, as crianças se encontram cada vez mais mergulhadas nesse universo virtual, de forma muito precoce, elas já ganham de suas famílias aparelhos eletrônicos, como celulares, *videogames*, *iphones*, *notebooks*, entre outros suportes tecnológicos. Atualmente, o lazer e a diversão tendem para os passeios em ambientes fechados, como *Shoppings Centers*, onde de forma estratégica é reunido neste espaço, lojas de brinquedos, *fast foods*, lojas de roupas infantis, espaço de jogos eletrônicos, cinema, dentre outros locais para o consumo.

Somos cada vez mais bombardeados por estímulos midiáticos, para aderir ao consumismo excessivo, e isso também inclui as crianças que já estão sendo influenciadas, para que tenham o desejo de adquirir produtos como roupas da moda, calçados, brinquedos, entre outros objetos, os quais na grande maioria acabam não utilizando ou fazem uso por apenas alguns dias, e depois se esquecem. E assim, logo já surgem novos produtos lançados pela indústria, a fim de estimular esse consumismo inconsciente, causando um ciclo que só se perpetua.

As brincadeiras infantis como pular corda, amarelinha, pega-pega, ciranda, entre outras, são quase inexistentes nessa geração, nas praças e parques da cidade, nós quase não enxergamos mais crianças brincando despreocupadas e felizes. Vivemos tempos, onde o sentimento de medo e abandono público nos faz trocar casas com jardins, por apartamentos que são construídos cada vez menores, nos faz trocar os passeios nos parques por *Shoppings Centers*, porque lá têm guardas que garantiram a nossa segurança e de nossas crianças.

A relação com a natureza é uma das maiores conexões do ser humano com suas origens, o contato com as árvores, com o verde da grama, com o vento que vem dos rios, mares e lagos, a exposição ao sol, tudo isso está sendo esquecido por nós, e isso, se agrava nas cidades urbanas onde existem poucos espaços de natureza livre e animais soltos. Nunca se presenciou antes, uma geração com tantas doenças, tanto físicas como mentais. Pode-se citar como exemplo, o consumo de medicamentos antidepressivos, que cresceu 74% nos últimos seis anos no Brasil, segundo o site da revista Saúde da Editora Abril. Isso me faz refletir sobre essa excessiva carga de trabalho, cobranças, necessidade de sempre ter de consumirmos algum produto para satisfazermos uma necessidade interna, que nem nós mesmos sabemos o que é.

E a criança vive tudo isso, ela sente e vivencia todas essas tensões emocionais e sociais à sua volta. Muitas vezes, dentro de casa, ela convive com pessoas que utilizam remédios controlados, por já possuírem um histórico de depressão familiar, ou na maioria das vezes, simplesmente por se sentirem sufocados na tristeza e na solidão em que a vida moderna nos presenteou. Esse é o preço que pagamos por todas as tecnologias e *facilities* da industrialização. Nós buscamos no consumo de produtos, uma fuga para nossas inquietações e dúvidas humanas, e dessa forma, temos que trabalhar cada vez mais para podermos pagar por todos esses bens de consumo, e assim, isso se repete num ciclo sem fim.

Sentimos essa inquietação, pois, no fundo de nossos corações, sabemos que estamos perdendo o nosso elo com a natureza, e que não precisamos consumir tanto para nos sentirmos bem, precisamos novamente nos reconectar com a natureza, respeitando e zelando por ela.

Uma pequena biblioteca projetada dentro de um parque pode ser um passo pequenino para retomar esse laço perdido, mas ainda sim é um passo a frente, que pode se transformar em uma longa jornada. A Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah talvez não seja muito conhecida, mas é muito peculiar no tema que se propõe a trabalhar: estimular o desenvolvimento de uma consciência ecológica em crianças, um tema que sempre é atual e merece ser debatido. Esperamos que o Governo do Estado e dos municípios, estimule mais ações e projetos como esse, nas escolas, nas bibliotecas, nas praças e parques da cidade, para os demais públicos também.

A sustentabilidade foi o tema debatido pelo Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD) de 2017, em Fortaleza/CE, no qual tratou sobre como as bibliotecas podem contribuir para um desenvolvimento sustentável, correlacionando com a Agenda 2030.

A temática ambiental nunca deve ser deixada de lado, a natureza é um bem em comum compartilhado todos nós seres humanos, em todos os lugares do mundo, desde a criança até o idoso. Nós necessitamos do ar para respirarmos, pisamos na terra, sentimos o calor do sol e bebemos a água dos rios, vivemos constantemente nesta conexão com todos os elementos, recursos naturais e seres vivos que coexistem conosco neste planeta. E dessa forma, a criança quando é inserida dentro de um contexto de preservação, de respeito e zelo pelo meio ambiente e os outros seres, terá uma maior possibilidade de desenvolver um entendimento de pertencimento ao planeta, e não de superioridade.

Com o problema do estudo respondido, pode-se concluir que através das mediações desenvolvidas pelo bibliotecário, dentro de um organismo vivo que é a biblioteca é possível propiciar um ambiente receptivo, mas acima de tudo com muito calor humano, com aprendizado e diálogo aberto, como já ocorre na Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah. Deste modo, a criança se sentirá sempre bem vinda ao espaço da biblioteca, se sentirá à vontade para se expressar e nutrirá um sentimento de carinho pelo espaço, aonde o profissional bibliotecário conseguirá exercer seu papel de educador na formação de cidadãos com uma consciência mais coletiva e menos individualista.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Rebecca Rappel de. A Responsabilidade Social dos Profissionais da Informação e a Preservação do Meio Ambiente. Cuba: **Revista Redciencia**, 2004. p. 6-7. Disponível em: <<http://www.redciencia.cu/empres/Intempres2004/Sitio/Ponencias/3.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BALESTRINI, Bruno Piovesan. **Ensaio, A Farsa do Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Ciências do Ambiente, UNICAMP. 2013. Ensaio. Disponível em: <http://www.ib.unicamp.br/dep_biologia_animal/sites/www.ib.unicamp.br/dep_biolgia_animal/files/FARSA_DESENVOLVIMENTO_SUSTENT%C3%81VEL.PDF> Acesso em: 22 out. 2017.

BARBOSA, Gisele Silva. O Desafio do Desenvolvimento Sustentável. In: **Revista Visões**, Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora, Macaé, v. 1, n. 4, jan./jun. 2008. Disponível em: http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_O_Desafio_Do_Developolvimento_Sustentavel_Gisele.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1979. Disponível em: <<https://archive.org/stream/bardin-laurence-analise-de-conteudo#page/n0/mode/2up>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BOFF, Leonardo. **ECOLOGIA: Grito da Terra, Grito dos pobres**. Rio de Janeiro, Sextante, 2004, p. 29.

BRASIL. Constituição (1988). **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 21 Jun. 2017.

_____. Lei nº 6.938, de 31 de Agosto de 1981. **Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus Fins e Mecanismos de Formulação e Aplicação, e dá Outras Providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938.htm>. Acesso em: 21 Jun. 2017.

_____. Lei nº 9.795, de 27 de Abril de 1999. **Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá Outras Providências**. Presidência da República Casa Civil. Brasília, DF, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 22 jun. 2017.

_____. Lei nº 10.650, de 16 de Abril de 2003. **Dispõe sobre o Acesso Público aos Dados e Informações Existentes nos Órgãos e Entidades Integrantes do Sisnama**. Presidência da República Casa Civil. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.650.htm>. Acesso em: 22 jun. 2017.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Declaração Final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (rio + 20). **O Futuro que Queremos**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/O-Futuro-que-queremos1.pdf>>. Acesso em: 22 Jun. 2017.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Declaração de Joanesburgo sobre Desenvolvimento Sustentável. **Das Nossas Origens ao Futuro**. Joanesburgo, 2002. Disponível em: <[ww.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/joanesburgo.doc](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/joanesburgo.doc)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

CALLONI, Humberto; SILVA, Maria de Fátima Santos da. Educação Ambiental e Paradigma da Complexidade: As Concepções de Homem e Ambiente na Discussão da Crise Socioambiental. In: **Revista Didática Sistemática**, Grupo de Estudos Sobre a Complexidade – GEC-FURG. Rio Grande, vol. 8, jul/dez. 2008. p. 230. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/redsis/article/view/1325/609>>. Acesso em: 11 set. 2017.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização Ecológica: O Desafio da Educação no Próximo Século**. Instituto Harmonia na Terra. 1999. Disponível em: <http://www.harmonianaterra.org.br/nt_html/733-alfabetizacao_ecologica.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CARVALHO, Maria Aparecida Vivan de; BASSANI, Paulo. Pensando a Sustentabilidade: um Olhar sobre a Agenda 21. In: **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Editora UFPR, n. 9, p. 69-76, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/made/article/viewFile/3082/2463>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

CIPOLAT, Sabrina; MARTINS, Maritza Silveira. O Bibliotecário como Agente Socializador na Disseminação da Informação sobre Meio Ambiente: relato de experiência. In: **Biblos** - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 18, p. 181-182, 2006. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/91>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática**. São Paulo: Moderna, 2000. p. 15.

COLOMBO, Silvana. Crescimento, Desenvolvimento e Meio Ambiente. In: **REMEA**, Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. v.17, 2006. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3087/1759>> Acesso em: 25 out. 2017.

COSTA, Edilson da. A Impossibilidade de uma Ética Ambiental: O Antropocentrismo moral como Obstáculo ao Desenvolvimento de um Vínculo Ético entre Ser Humanos e Natureza. **Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/12003/Tese%20FINAL%20EDILSON.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 set. 2017.

ELKINGTON, John. **Canibais com Garfo e Faca**. São Paulo: Makron Books, 2001.

FLORIDI, Luciano. Biblioteconomia e Ciências da Informação (BCI) como Filosofia da Informação Aplicada: uma Reavaliação. In: **CID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 45-46, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42318/45989>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

FREIRE, Isa Maria; ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. A Responsabilidade Social da Ciência da Informação. **Transinformação**, v. 11, n. 1, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/viewFile/1554/1527>> . Acesso em: 22 jun. 2017.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em Três Artigos que se Completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. 13. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_a_importancia_d_o_ato_de_ler.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 6^o ed., 1997.

_____. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. Disponível em: <http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17339>. Acesso em: 08 dez. 2017.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4^a. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 mai./jun. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

GONÇALVES, Daniel Bertoli. Desenvolvimento Sustentável: o Desafio da Presente Geração. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, v. 5, n. 51, 2005. Disponível em: <<http://danielbertoli.synthasite.com/resources/textos/texto16.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2017.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como Técnica de Investigação

Qualitativa: Desafios Metodológicos. In: **Paidéia**. v.12, n. 24. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

GRÜN, Mauro. A Pesquisa em Ética na Educação Ambiental. In: **Pesquisa em Educação Ambiental**. Ribeirão Preto, vol. 2, n. 1, p. 185-206, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30025/31912>>. Acesso em: 27 out. 2017.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. In: **Cadernos de Pesquisa**. São

Paulo: Autores Associados, 2003, n. 118, p. 196. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

_____. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.2, p. 233-250, maio/ago. 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. In: **Revista Educação e Realidade**, Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 17-24, set/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewfile/9515/6720>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

_____. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e Poder. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

LIMA, Ilana Drielle Mendes da Cunha. Direito do Consumidor e Meio Ambiente: Educação para o Consumo Sustentável. In: **Conteúdo Jurídico**, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.54807>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

LORENSI, Elisabete Ferreira. **A Bibliotecária Elisabete em uma Mediação com as Crianças**. 2017. Figura (09).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATA, Henrique Tomé Costa; CAVALCANTI, José Euclides. A Ética Ambiental e o Desenvolvimento Sustentável. In: **Revista de Economia Política**, v. 22, n.1, jan./mar. 2002. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/85-10.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

Morgan, David. **Focus Group as Qualitative Research**. Qualitative Research Methods Series. v. 16. London: Sage Publications, 1997.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. A Mediação da Leitura na Família, na Escola e na Biblioteca através das Tecnologias de Informação e de Comunicação e a Inclusão Social das Pessoas com Necessidades Especiais. In: **Inc. Soc.**, Brasília, v. 4, n. 2, p.80, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/download/1657/1863>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

MUELLER, Charles Curt. Situação Atual da Produção de Informações Sistemáticas Sobre o Meio Ambiente. In: **Ciência da informação**, Brasília, v.21, n.1, jan./abr. 1992. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/459>> Acesso em: 20 out. 2017.

NUNES, Carla da Cruz. 2017. **Eu com a Bibliotecária Elisabete e uma Estagiária da Biblioteca**. Figura (10).

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (ONU). Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Agenda 21**. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/agenda21.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

_____. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Nova York, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 26 out. 2017.

_____. Nosso Futuro Comum 1987, **Relatório Brundtland**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/N8718467.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

ROOS, Alana; BECKER, Elsbeth Leia Spode. Educação Ambiental e Sustentabilidade. In: **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. Santa Maria, v. 5, n. 5, p. 857-866, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/4259/3035>>. Acesso em: 27 out. 2017.

SAÚDE. **Consumo de antidepressivos cresce 74% em seis anos no Brasil**. Editora Abril, 2017. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/consumo-de-antidepressivos-cresce-74-em-seis-anos-no-brasil/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE de Porto Alegre. (SMAM). **Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah: Apresentação**. 2017. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=211> Acesso em: 22 jun. 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2^a. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em:
<https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Sou estudante do curso de graduação de Biblioteconomia, da FABICO/UFRGS e estou realizando o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob a orientação da professora Eliane Lourdes da Silva Moro, no qual a questão investigativa que guiará a pesquisa é “Como o profissional bibliotecário pode contribuir na mediação da informação ecológica para incentivar o desenvolvimento de uma atitude de qualidade ambiental, nas crianças que frequentam a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah? ”

Para levar em conta preceitos éticos relacionados à pesquisa, a identidade dos sujeitos será preservada, conservando, assim, a privacidade de cada um. Neste sentido, aceito que os dados recolhidos do projeto permaneçam como propriedade da pesquisadora responsável e autora, Carla da Cruz Nunes.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico na sociedade.

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome do participante

Local e Data

Assinatura do participante

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA

- 1- Como você percebe a educação ambiental na cidade de Porto Alegre, quanto às atividades de conscientização relacionadas ao meio ambiente? Acredita que as atividades acontecem? Em quais espaços da cidade?
- 2- Em sua opinião, a biblioteca também tem o papel de assumir ações com uma maior responsabilidade social relacionada ao meio ambiente? Quais serviços e atividades podem ser oferecidos?
- 3- A biblioteca em que atua propicia a mediação com as crianças sobre informação ecológica para incentivar o desenvolvimento de uma atitude de qualidade ambiental? Como ocorre essa mediação?
- 4- Como são percebidos, pela Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, os resultados de como as crianças conseguem construir novas aprendizagens e as competências como agentes para a qualidade ambiental?
- 5- Como você avalia a atuação do bibliotecário nas questões relacionadas à Educação Ambiental? Você considera importante o bibliotecário estar envolvido nessas práticas de conscientização ecológica? Por quê?
- 6- Como a biblioteca pode influenciar na formação de futuros cidadãos com responsabilidade social e ações mais sustentáveis para o equilíbrio do meio ambiente?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

- 1- Na opinião de vocês, como nós podemos fazer para cuidar melhor do meio ambiente? Quais atitudes podemos tomar?
- 2- Vocês costumam visitar parques e praças com sua família? Vocês preferem ir a shopping centers ou praças?
- 3- Vocês costumam buscar informações sobre esse tema em alguma Biblioteca?
- 4- Vocês buscam auxílio ou informação com a bibliotecária em sua escola?
- 5- Já realizaram algum tipo de pesquisa escolar ou trabalho sobre o tema? Comentem sobre.
- 6- Vocês gostaram da prática que vivenciaram hoje? a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah contribui para uma educação ambiental na vida de vocês? O que aprenderam hoje?
- 7- Se vocês precisassem sugerir leitura de livros ou histórias infantis que tratem sobre o tema quais vocês iriam indicar aos amigos?
- 8- Vocês acham legal a biblioteca ser um espaço que estimule uma educação ambiental? Por quê?